



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ALINE MAIARA ROHDE

SALVE À SELEÇÃO!
O TRI CAMPEONATO MUNDIAL NAS PÁGINAS DA VOZ DA SERRA

ERECHIM – RS

2018

ALINE MAIARA ROHDE

SALVE À SELEÇÃO!

O TRI CAMPEONATO MUNDIAL NAS PÁGINAS DA VOZ DA SERRA

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura de História da Universidade
Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim,
como requisito para a obtenção do título de
licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

ERECHIM – RS

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Rohde, Aline Maiara
SALVE À SELEÇÃO! O TRI CAMPEONATO MUNDIAL NAS PÁGINAS
DA VOZ DA SERRA / Aline Maiara Rohde. -- 2018.
55 f.:il.

Orientador: Doutor Gerson Wasen Fraga.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
História-Licenciatura, Erechim, RS, 2018.

1. Futebol. 2. Identidade Nacional. 3. A Voz da
Serra. 4. Ditadura Militar. I. Fraga, Gerson Wasen,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

Aline Maiara Rohde

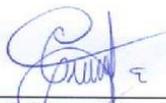
Título: Salve a seleção! O tricampeonato mundial nas páginas da Voz da Serra.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Gérson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

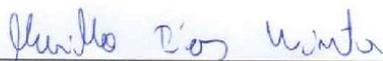
Banca examinadora:



Prof. Gérson Wasen Fraga



Prof. Isabel Rosa Gritti



Prof. Murillo Dias Winter

RESUMO

O futebol tem um papel de destaque na sociedade brasileira, de maneira que inúmeros setores da sociedade buscam vincular sua imagem com ele, tanto que o governo Médici transformou o tricampeonato no México em uma vitória da nação e da ditadura militar. Esta pesquisa busca analisar a cobertura do Jornal a Voz da Serra acerca da Seleção Brasileira de Futebol entre abril e agosto de 1970, e a apropriação do regime militar dos resultados obtidos em campo, analisando também o posicionamento do jornal a partir das possíveis contribuições da seleção nacional na propaganda do regime. Buscamos ainda problematizar os sentidos de pertencimento e identidade nacional produzidos pela seleção brasileira e a forma como a ditadura se apropria disso. Para isso, esta pesquisa organiza uma base teórica acerca da importância do jornal enquanto objeto de estudo, da necessidade de uma análise do discurso contido nele, para então, analisar as matérias esportivas relacionadas à seleção brasileira de futebol e que tem ligação com a política ideológica do regime civil militar no período que antecedeu a Copa de 1970, durante o evento, e seus desdobramentos nos meses seguintes no Jornal A Voz da Serra.

Palavras-chave: Futebol. Identidade Nacional. A Voz da Serra. Ditadura Militar

ABSTRACT

Soccer has a prominent role in Brazilian society, so that many sectors of society seek to link its image with it, so much so that the Medici government transformed the three-time champion in Mexico in a victory of the nation and military dictatorship. This research seeks to analyze the coverage of Jornal A Voz da Serra about the Brazilian Football Selection between April and August 1970, and the appropriation of the military dictatorship of the results obtained in the field, also analyzing the positioning of the newspaper from the possible contributions of the selection propaganda of the dictatorship. We also seek to problematize the sense of belonging and national identity produced by the Brazilian selection and the way the dictatorship appropriates it. For this, this research organizes a theoretical base about the importance of the newspaper as object of study, of the necessity of an analysis of the discourse contained in it, for then, to analyze the sports matters related to the Brazilian soccer selection and that has connection with the ideological politics of the military civil dictatorship in the period before the 1970 World Cup, during the event, and its developments in the following months in the newspaper A Voz da Serra.

Key-words: Soccer. Nacional Identity. A Voz da Serra. Militar dictatorship.

AGRADECIMENTO

Um momento muito especial em minha vida, está sendo concretizado, e somente tenho que agradecer as pessoas que estiveram presentes nesta conquista e contribuíram na realização deste sonho.

Agradeço principalmente ao meu marido Willian, que esteve presente em todos esses anos de graduação, me dando força e coragem para que eu continuasse, sempre com muita paciência.

Um agradecimento especial a minha família, que apesar de termos passado momentos muito difíceis, foram eles que me deram a base para chegar até aqui, meus pais Edvino (In memoriam) e Ana e meus irmãos Edemar e Ivan, em especial agradeço ao meu irmão Ivan por todo o companheirismo e carinho que temos um pelo outro.

Muito obrigada também as minhas cunhadas Meli, Leticia, Darlana e cunhado Guilherme, por serem meu ponto de equilíbrio, sempre me ajudando e me incentivando.

Agradeço também aos meus amigos e colegas da turma 2013, em especial, Ediana, Mônica, Roze, Franciele e Rovian, que sempre torceram por mim, foram meus companheiros de trabalhos e me apoiaram no decorrer da universidade.

Agradeço as minhas melhores amigas Ana e Andressa por estarem do meu lado a minha vida inteira e por serem o meu porto seguro.

O que não poderia faltar seria um agradecimento muito especial aos meus afilhados Valentina, Rhaiana, Miguel Lucca e Luiza Helena. Os quais considero como filhos e são o motivo para continuar essa caminhada.

Aos meus compadres queridos, que foram como pais quando os meus faltaram, Everton, Jociele, Silvane, Dulcimar, Darlana e Ademir, aos quais tenho enorme carinho e admiração.

Agradeço a todos os professores, especialmente ao meu orientador Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta pesquisa.

Agradeço a todos que fizeram parte desta caminhada ao meu lado

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Copa do Mundo.....	32
Figura 2 IX Campeonato Mundial de Futebol.....	33
Figura 3 Brasil vingou-se de 1950.....	34
Figura 4 Mensagem do presidente da República.....	35
Figura 5 Hoje na Pátria / Carnaval	36
Figura 6 4x1 na Itália e o Caneco Veio	37
Figura 7 Copa, Nacionalismo e Subversão (parte 1).....	38
Figura 8 Copa, Nacionalismo e Subversão (parte 2).....	39
Figura 9 Trecho explicativo do Decálogo da Segurança.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O FUTEBOL NO BRASIL E O REFORÇO DA NOÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL	13
1.1 APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL.....	14
1.2 A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA	16
1.3 O FUTEBOL ENQUANTO FORMADOR DE IDENTIDADE.....	17
2 1970: A VITÓRIA DE UM PROJETO DE NAÇÃO	20
2.1 O ESCRETE QUE ENCANTOU O BRASIL.....	24
2.2 MÉDICI O TORCEDOR/PRESIDENTE	25
3. A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS PÁGINAS DO “VOZ DA SERRA”	29
3.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.2 A VOZ DA SERRA NO ERECHIM.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO 1 MATÉRIA COMPLETA “BRASIL EXPLODIU COM O TRI”	48
ANEXO 2 MATERIA COMPLETA: 4X1 NA ITÁLIA E O CANECO VEIO	49
ANEXO 3 A COPA QUE É NOSSA PARTE 1	50
ANEXO 4 A COPA QUE É NOSSA PARTE 2	51
ANEXO 5 A COPA QUE É NOSSA PARTE 3	52
ANEXO 6 BRASIL TRI CAMPEÃO MUNDIAL	53
ANEXO 7 SELO DE TRI CAMPEÕES	54

INTRODUÇÃO

Aquilo que tem tornado o desporto um meio tão unicamente eficaz de inculcação de sentimentos nacionais, pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento de sua vida, ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com um equipe de onze pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação [Hobsbawm, 2004, p. 137].

O futebol no Brasil constitui-se como uma paixão nacional, uma forma de identificação, de pertencimento, de união nacional. Ele tem sua importância reconhecida, sendo classificado como “festa popular, escapismo, alienação, fator de integração social, celebração, veículo de ascensão social das classes populares, tema cômico, enredo melodramático. O que é o futebol para o brasileiro? Provavelmente tudo ao mesmo tempo [...]” (ORICCHIO, 2006, p. 132).

Com isso, ele acaba assumindo um papel de destaque na sociedade brasileira, de maneira que inúmeros setores da sociedade buscam vincular sua imagem com ele. Em momentos não democráticos isso não é diferente, tanto que o governo Médici transformou o tricampeonato no México em uma vitória da nação e da ditadura militar.

Neste cenário, buscaremos analisar a cobertura do Jornal a Voz da Serra acerca da Seleção Brasileira de Futebol entre abril e agosto de 1970, e a apropriação do regime militar dos resultados obtidos em campo, analisando também o posicionamento do jornal a partir das possíveis contribuições da seleção nacional na propaganda do regime. Buscamos ainda problematizar os sentidos de pertencimento e identidade nacional produzidos pela seleção brasileira e a forma como a ditadura se apropria disso.

Neste sentido, nosso problema de pesquisa busca responder como a cobertura da Copa de 1970 chegou a Erechim. Qual a linha adotada pelo Jornal a Voz da Serra?

A metodologia desta pesquisa consiste na organização de uma base teórica acerca da importância do jornal enquanto objeto de estudo e da necessidade de uma análise do discurso contido neste veículo, para então, partir para a análise das matérias esportivas relacionadas à seleção brasileira de futebol e que tem ligação com a política ideológica do regime civil militar no período que antecedeu a Copa de 1970, durante o evento, e seus desdobramentos nos meses seguintes no Jornal A Voz da Serra, jornal local.

A realização desta pesquisa é fruto da paixão pelo futebol que desenvolvi ao longo de minha vida. Desde muito cedo acompanhei o Sport Club Internacional, de Belém a

Yokohama, vi meu irmão tentar a sorte nas categorias de base do Ypiranga. Mas meu interesse pelo esporte cresceu em dois momentos, primeiro quando comemorei meus primeiros gols em Ponte Preta ainda na adolescência, e depois quando logo no início da graduação, no primeiro semestre de 2014 participei da cadeira eletiva de História Social do Futebol, ministrada pelo professor Fraga, atualmente meu orientador. Academicamente falando a escolha por trabalhar com futebol, surgiu da curiosidade de entender como os processos ocorriam, e resultavam no que se vê em campo.

Visitei o Arquivo Histórico de Erechim com minha turma, e me interessei pelos jornais disponíveis no acervo. Até chegar nesse objeto de pesquisa, foi um longo processo, sempre esbarrando em questões teóricas e metodológicas, o que pesquisar e porque pesquisar, que vinham sempre à minha cabeça; até que enfim, consegui achar algo que me estimulava a pesquisar: Analisar a cobertura do Jornal a Voz da Serra acerca da Seleção Brasileira de Futebol durante o regime civil militar entre abril e agosto de 1970. Analisar como a cobertura da Copa de 1970 chegou a Erechim, e era qual a linha adotada pelo Jornal.

Não encontramos nenhum trabalho no Arquivo Histórico que tivesse alguma temática semelhante. No banco de TCC's da UFFS encontramos dois trabalhos: um de meu irmão falando sobre o espaço de representação do futebol amador em Ponte Preta, e outro orientado pelo professor Fraga falando de futebol e globalização, isso quer dizer que temos um objeto inédito de pesquisa, que pode ajudar a entender um pouco da sociedade erechinense.

Durante as leituras, um outro elemento ajudou a construir a problemática da presente pesquisa:

O caso da Copa de 1970 talvez seja o melhor meio para compreender até que ponto o futebol contamina as estruturas sociais e de poder no Brasil. O tricampeonato mundial conquistado pela seleção brasileira no México frequenta o imaginário do país de várias maneiras: para os amantes do futebol, aquela equipe representou o auge de toda a potência brasileira nesse esporte e além, isto é, mostrou que o brasileiro pode ser forte e competitivo sem abrir mão de sua graça; para alguns dos que se empenharam no combate ao regime militar e para boa parte dos intelectuais de esquerda, o triunfo e os festejos que se seguiram a ele significaram uma odiosa chancela ao arbítrio estabelecido no país pelos generais; e para o governo de Emílio Garrastazu Médici, que teve a sorte de ser o presidente do Brasil na época dessa conquista mágica, a vitória na Copa significou uma oportunidade singular para se legitimar no momento em que esmagava a oposição em busca de “união nacional” para o projeto de desenvolvimento e de poder dos militares (GUTERMAN, 2006, p.10)

Essa “contaminação” pelo “vírus” da vitória ao mesmo tempo que expõe para o mundo a potência futebolística do Brasil, ajuda a mascarar os crimes cometidos pela ditadura, através de uma ideia de que assim como no futebol a nação brasileira estava se agigantando.

A competitividade vista em campo podia ser vista na economia com o “milagre econômico”. Ou seja, o governo Médici teve uma oportunidade ímpar de calar seus opositores e legitimar as ações adotadas por sua equipe de ministros.

Para dar conta da proposta, esta pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro trabalha com a definição de identidade e como o futebol contribui na construção da identidade nacional brasileira. O segundo capítulo aborda a Copa de 1970 e seus desdobramentos tendo como parâmetro a figura do presidente Médici e sua política de ligar a vitória em campo com a situação nacional. E por fim, o terceiro que analisa a cobertura do Jornal A Voz da Serra sobre a Copa.

1 O FUTEBOL NO BRASIL E O REFORÇO DA NOÇÃO DE IDENTIDADE NACIONAL

Os povos elaboram sua identidade através de suas paixões ou de seu recolhimento. Às vezes, camadas ou classes sociais distintas não se sensibilizam da mesma forma. (...) No Brasil, nada conduz à loucura como o futebol. Durante pouco tempo atividade refinada, irradiou-se por toda a sociedade e tornou-se o emblema da hegemonia popular sobre a 'cultura das elites'. Estas submeteram-se ao seu desnivelamento e construíram em torno do futebol uma arena de poder, de lucros e de mando, como atestam carreiras políticas, administrativas e financeiras. Não é por aí, todavia, que se aprende algo profundo sobre o 'caráter nacional'. Este se evidencia no mundo dos sonhos e de ilusões que arranca o futebol. Primeiro, no conceito de arte, que lhe é aplicado como qualificação mestra. Segundo, no significado que recebe entre jogadores e nas suas relações com os torcedores. (...) Trata-se de um mundo no qual o profano, a magia e a religião se confundem e quebram a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, ainda que por alguns instantes e graças à fantasia. (FERNANDES, Florestan. "Futebol onírico". In: Folha de S. Paulo, 13.jun.1994, p. 1-2).

No início do século XX, o futebol passou por um processo de popularização. nas palavras de TRIZOTO (2014), “o esporte aristocrático foi dando espaço para um novo futebol, que trazia no seu bojo negros, pobres e operários, que viam nele uma fuga de sua realidade medíocre, como também uma forma de articulação e relação interpessoal com seus pares” (p.15).

O futebol assumiu no Brasil uma posição de destaque para fortalecer a identidade nacional, se tornou sinônimo de brasilidade, de auto-afirmação, do jeito próprio de jogar futebol. Gilberto Freyre é um dos que melhor representa essa ideia do jogo brasileiro ser diferenciado:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pítus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1957, p. 431/32)

Ele é linguagem encarnada através da qual os povos, como clãs totêmicos em situações rituais, no caso de competições mundiais, emitem e confrontam suas mensagens de maneira não verbal. (WISNIK, 2008, p.), “O Brasil tem algo importante a dizer”, *Jornal da Tarde*, 27/05/95, p. 8.). Podendo ser considerado também:

Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10 000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram 85% dos brasileiros. Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol. Por isso, é possível o acordo entre o intelectual e o semi-analfabeto, sobre a beleza deste ou daquele gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. (Veja, no 93 de 17/06/1970, p.56 Apud TRIZOTO, 2014, p. 17)

Neste cenário é que passaremos a debater seu papel do reforço da identidade nacional brasileira em um dos momentos mais complexos da história da república: a ditadura civil militar iniciada em 1964.

1.1 APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE NACIONAL

O conceito de identidade nacional surgiu durante o século XIX após a emergência da ideia de nação:

A nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida com um companheirismo profundo e horizontal. Em última análise, essa fraternidade é que torna possível, no correr dos últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas, não só matem, mas morram voluntariamente por imaginações tão limitadas (ANDERSON, 1989, p. 16).

A construção das identidades nacionais é a soma de diversos elementos que fortalecem o sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginada¹ ou real. Religião, tradições em comum, costumes e localização geográfica são fatores determinantes para esta construção.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da idéia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2005,p.49).

Seguindo esta mesma linha, THIESSE (1999) afirma que:

As identidades nacionais não são fatos naturais, mas, construções. A lista de elementos de base de uma identidade nacional é hoje bem conhecida: ancestrais fundadores, uma história, os heróis, uma língua, monumentos, certas paisagens e um folclore. Sua mise-au-point foi a grande obra comum realizada na Europa durante os

¹ Para Anderson uma comunidade não precisa ter contato face a face para constituir-se.

últimos dois séculos. O militantismo patriótico e as trocas transnacionais de ideias e de saberes criaram identidades bem específicas mas similares na sua diferença. Forma de organização política estreitamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo industrial, a nação fundou sua legitimidade sobre o culto da tradição e a fidelidade a uma herança coletiva. A exaltação do arcaísmo acompanhou a entrada na modernidade (Thiesse, 1999, p.322)

Para LOURENÇO (1999, p.89) “Cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino”. Essa concepção reforça que, simbolicamente, seria “como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois um e outro são indissociáveis, o que chamamos de ‘identidade’” (LOURENÇO, 1999, p.89).

Estas construções nem sempre ocorrem de maneira amistosa. Afinal este processo perpassa pela legitimação de um discurso, constituição de um panteão de heróis nacionais, composição de outros elementos simbólicos como um hino e uma bandeira. A disputa entre “nós” e “eles” podem acarretar lutas que ultrapassam a esfera política.

As identidades são relacionais e mudam em cada relação. A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. É um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo de poder e da exclusão. Não são naturais, mas difundidas em lutas históricas (REIS, 2006: 12).

Em suma, podemos afirmar que a identidade nacional é uma teia de elementos que geram coesão no grupo de indivíduos que comunicam-se fortemente entre si e partilham de uma cultura e de costumes em comum (REIS, 2006, p.14). Todavia, não podemos cair no erro de que este processo é estanque, imutável. As percepções dos indivíduos são impactadas pelo meio em que encontra-se, estas influências redirecionam-se constantemente:

A identidade toma-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente." (HALL, 2005, p.13)

Ao estabelecermos o conceito de identidade nacional e seus desdobramentos, podemos ponderar agora a constituição da identidade nacional brasileira e os elementos que a compõe.

1.2 A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

A identidade nacional brasileira perpassa pelo “discurso da “brasilidade”, é o mito fundador do “lugar”, que se opõe ao sentimento tão moderno de “des-locamento”(HALL, 2003). Essa ideia de brasilidade é construída pelas elites como forma de manter uma estratificação social e uma pseudo-impressão de unidade. “A construção dessa ‘identidade cultural’ vai funcionar como um ‘cordão umbilical’, que possibilita estar ‘em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta’” (HALL, 2003, p. 29).

Esta construção ocorre nestes parâmetros devido aos interesses da elite local e pelo fato da sociedade brasileira ser multiétnica: negros raptados da África, europeus e descendentes vindos das mais diversas nações e os povos indígenas que não foram dizimados compõe este cenário. A preocupação dela é manter seus privilégios e por isso ela cria ferramentas para criar um sentimento de pertencimento, e de inclusão fictícia.

Foram usados elementos como a literatura, a música para construir a ideia de um “sujeito tipicamente brasileiro”: de um lado o homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda² versus, de outro, o malandro, tão bem retratado nos sambas.

Todavia, essa identidade brasileira,

[...] está amparada por um sistema de práticas e símbolos que operamos em contextos específicos. No carnaval, no samba e no futebol, nos identificamos e inundamos o nosso imaginário com esses símbolos que nos diferenciam como nação. Os mesmos símbolos de alegria e descontração que nos alegram, em outros momentos nos incomodam por não sermos levados a sério dessa maneira. Eis o contexto internacional e a ideia que projetamos de nós mesmos para o exterior. E mesmo que a definição da identidade seja uma mera generalização e repetição de discurso, não expressando o que todos os brasileiros gostam/são, ainda estamos presos a ele. (PEREIRA, 2012 p. 9-10)

Essa dualidade, todavia, como vimos acima não representa todos os brasileiros. Não podemos desconsiderar o fato que, devido a extensão territorial do país, fica complicado construir uma unidade nacional, pois cada região possui costumes próprios (festas, pratos típicos, personagens e cultos religiosos).

²Termo originalmente cunhado no Livro Raízes do Brasil (1936)

1.3 O FUTEBOL ENQUANTO FORMADOR DE IDENTIDADE

Dando prosseguimento aos desdobramentos dos elementos formadores de uma identidade nacional brasileira, passaremos a trabalhar com o futebol, elemento que se tornou ao longo do século XX expoente desta construção. Ele assume o protagonismo, pois segundo Da Matta (1994), sua prática gera uma experiência de igualdade e por consequência de justiça social, pois mesmo sendo um espetáculo complexo é gerido por regras simples e de entendimento acessível a todos.

Nesse sentido, pode-se verificar que o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Ambos expressam-se mutuamente, principalmente no que se refere à subjetividade das relações estabelecidas dentro do contexto de uma partida de futebol, as transgressões às regras, à ordem e à desordem, o envolvimento da torcida com seu time de coração, chorar ou se alegrar, brigar ou festejar. O futebol teria, assim, uma riqueza simbólica, que poderia expressar a sociedade brasileira. Mas pode-se observar também que o futebol é utilizado de uma forma ideológica, pois, por vezes deixa transparecer ideias e valores, como, por exemplo, na copa de 70, com “seleção do povo”, e contribui para a afirmação de uma ideologia que se pretende tornar hegemônica em contexto específico. O importante é saber que tanto uma forma de interpretação/entendimento quanto outra nos fornece subsídios para que, a partir do futebol, possamos ter um melhor entendimento da sociedade brasileira e sua forma de organização.

O simbolismo que ele constrói pode assumir um caráter ufanista quando o resultado final corresponde a uma vitória, sendo tratado como um feito épico (Copa de 1970), ou uma ideia de fracasso, desesperança e estigmatização (vide o caso do goleiro Barbosa em 1950). Depende exclusivamente do projeto no qual ele está inserido:

O futebol, uma das formas simbólicas, não é ideológico em si mesmo, mas se torna, na medida em que é utilizado em um determinado contexto social no sentido de transparecer valores e verdades de uma determinada concepção que se pretende tornar hegemônica. “...As formas simbólicas, ou sistemas simbólicos, não são ideológicos em si mesmo: se eles são, e quanto são ideológicos depende das maneiras como ele são utilizados e entendidos em contextos sociais específicos” (Thompson, 1995, p.17).

A proporção que o futebol assumiu no Brasil ajuda a explicar o porque ele foi amplamente utilizado como difusor de ideias. Para DA MATTA, a cola que possibilitou “que o povo pode finalmente juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino, e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos” (Da Matta, 1994, p.17). Para ele, o futebol ainda,

nos torna patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo de zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos Estados Unidos e jamais do nosso país. (Da Matta, 1994, p.17).

Nesse aspecto, ele afirma que:

Foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar o Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo³, a confiança em nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional (DA MATTA, 1994, p.17).

Todavia, o grande “trunfo” (Da Matta, 1994) que o futebol tem, é que origem, classe social, titulação acadêmica (que são ferramentas de ascensão social e econômica), dentro das quatro linhas de jogo são irrelevantes. São onze atletas competindo em prol de um objetivo: a vitória.

Para Hobsbawm (2004) outro elemento que contribui para a eficácia desta construção de sentimentos nacionais,

[...], pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento de sua vida, ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com um equipa de onze pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação (HOBSBAWM, 2004, p. 137).

Percebemos que o futebol agrega inúmeros elementos que possibilitam a construção de uma identidade nacional. O principal fator é o sentimento de pertencimento que crescem a cada resultado. É a forma encontrada para extravasar as frustrações muitas vezes ocultas. Para Gastaldo (2002)

O futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras. Parafrazeando a relação estabelecida por Geertz sobre o ethos balinês, evidenciando as rinhas de galo, pode-se dizer que o “ser brasileiro” pode ser revelado dentro de um estádio de futebol. Afinal, o epíteto “país do futebol” tem as suas razões de ser (GASTALDO, 2002, p. 23/24)

³Após a publicação do texto, o Brasil ganhou mais duas copas do mundo.

Submerso em golpes políticos, interesses oligárquicos e problemas econômicos o Brasil vê no futebol um elemento para despertar um otimismo mesmo que apareça a cada quatro anos, de que está avançando. Essa construção, todavia,

[...] não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser datada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, de país. Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira. (BORGES, 2007 p. 2)

Essa construção reflete na fala de GUTERMAN (2006) que afirma: “Mais do que em qualquer outro país o futebol é entre nós uma profunda paixão nacional, já não somos apenas o país do carnaval, de que falava Jorge Amado há 30 ou 40 anos. Somos o país do futebol, que é certamente um progresso” (GUTERMAN, 2006, p.42). Neste sentido, a seleção “demonstrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente de seus deveres quanto as que mais o fossem”. (p.42). A partir disso, fomentou-se uma imagem positiva do esporte, alçando-o a outro patamar:

Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a individualidade, a indisciplina, o individualismo. País do carnaval? Nem tanto, com um pouco de sorte, uma copa do mundo pode ser ganha na base da improvisação e do virtuosismo. Mas para jogá-la como jogamos, desta vez, é preciso que a nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade -e até de riqueza material- que o Brasil talvez tenha atingido (GUTERMAN, 2006, p.42).

Essa representação imagética funcionou cumpriu seu papel e até hoje é exaltada. Analisando friamente, ela foi um ponto fora da curva: 1966, 1974 e 1978 demonstram isso.

2 1970: A VITÓRIA DE UM PROJETO DE NAÇÃO

Eles tornaram o Brasil ainda maior perante todas as nações, completando a conquista gloriosa dos campeões de 1958 e 1962 e trazendo para o nosso país um título inédito na história do futebol: o de tricampeão mundial. A maravilhosa campanha não refletiu apenas a técnica e a fibra dos que lutaram dentro do campo. Representou, também, o sentido de organização de um povo e a sua vitalidade. Quando Carlos Alberto levantou no Estádio Asteca a Taça Jules Rimet, telespectadores em todo o mundo sabiam que ele o fazia em nome de noventa milhões de brasileiros. A taça incorporou-se definitivamente à galeria dos maiores troféus nacionais. Ela simboliza as memoráveis vitórias alcançadas na Suécia, no Chile e no México, nas quais o povo brasileiro festejou a própria epopéia da grandeza e do progresso do País. (A epopéia do tri. Manchete: edição sonora, Rio de Janeiro, jul. 1970. p. 3)

Chauí faz um comparativo das vitórias de 1958 e 1970, demonstrando como os festejos foram alterados depois do golpe. A festa popular da primeira transformou-se em uma festa cívica na segunda:

Nas comemorações de 1958 e de 1970, a população saiu às ruas vestida de verde e amarelo ou carregando objetos verdes e amarelos. Ainda que, desde 1958, soubéssemos que “verde, amarelo, cor de anil / são as cores do Brasil”, os que participaram da primeira festa levavam as cores nacionais, mas não levavam a bandeira nacional. A festa era popular. A bandeira brasileira fez sua aparição hegemônica nas festividades de 1970, quando a vitória foi identificada com a ação do Estado e se transformou em festa cívica (CHAUÍ, 2001, p. 32)

O triunfo da seleção neste aspecto causava um sentimento conflitante nos opositores do regime, cada gol da seleção era uma vitória da tropa de Médici. Em outras palavras, o sucesso da seleção era o sucesso do regime (pelo menos era o que a propaganda do governo afirmava). Num depoimento durante a copa de 2002, Xexéo relembra esse sentimento que causava um conflito interno:

Havia uma turma que não aprovava tanta celebração. Era pleno governo Médici. Torturava-se nos porões da ditadura, como se dizia na época. O correto era torcer contra o Brasil. A Copa do Mundo só servia para alienar o povo. Confesso que eu também pensava um pouco assim. Mas não resisti ao gol de Jairzinho e, depois daquele Brasil e Inglaterra, capitulei e fui para as ruas.

(...)

Sozinho na varanda de um quarto de hotel em Kakegawa, penso nos dois Brasil e Inglaterra das Copas da minha vida. Aqui em Kakegawa ninguém comemora nas ruas. A pessoa querida está longe e não posso abraçá-la para gritar “Brasil, Brasil”. Morro de saudades. A paródia levemente pornográfica de 1970 não me sai da cabeça. Que se danem os quartos vizinhos. Esperei 32 anos para cantar a música do Chacrinha outra vez e vou cantar: “Ó Teresinha, ó Teresinha / a seleção botou na da rainha.” (XEXÉO, O Globo, 22/06/02).

Sirkis também aponta para esse sentimento dubio:

E como deixar de comemorar? A seleção de Zagallo, à qual João Saldanha deu o grande impulso inicial, levou o futebol brasileiro à sua plenitude. (...) Porque queriam saber da seleção, acompanhar todos os detalhes da Copa, dezenas de milhões de pessoas ficaram como hipnotizadas, de olho no vídeo. (...) O governo aproveitou a ocasião para deslanchar uma gigantesca campanha de autopromoção. Era como se a vitória do tri lhe pertencesse. (...) Como testa-de-ferro de um poder exercido em termos práticos pelo Conselho de Segurança Nacional, coube a Médici fazer opereta, se popularizar através dos grandes media, naquele momento de comemoração nacional. (...) Aquela enorme manipulação, irresistível, amargava nossa curtição do tri. (SIRKIS,1980, p. 268, 269)

Para autores como Galeano, o futebol havia se tornado o principal elemento de legitimação do regime militar:

Em pleno carnaval da vitória de 1970, o general Médici, ditador do Brasil, presenteou com dinheiro os jogadores, posou para os fotógrafos com o troféu nas mãos e até cabeceou uma bola na frente das câmeras. A marcha composta para a seleção, *Pra Frente Brasil*, transformou-se na música oficial do governo, enquanto a imagem de Pelé voando sobre a grama ilustrava, na televisão, anúncios que proclamavam: Ninguém segura o Brasil. (GALEANO, 1995, p. 158).

Para Branco, o campeonato serviu como “afirmação das aspirações brasileiras à grandeza e também como consagração e vitória do regime militar. O futebol passou a representar um dos pilares centrais de sustentação ideológica para o regime militar”. (2006, p. 214). Para Helal; Cabo e Silva, mesmo com a clara manipulação política exercida pelo regime, ele não foi um elemento primordial no fortalecimento do sentimento de identidade nacional. Foi “a vitória no Mundial de 1970 consolidou o futebol como elemento de identificação cultural fortalecendo o sentido de pertencimento à nação durante as Copas do Mundo entre os brasileiros” (HELAL; CABO; SILVA, 2010, p. 14).

A música “Pra frente Brasil” composta por Miguel Gustavo d’Os Incríveis, tornou-se o hino daquela seleção, bem como um recado claro a todos aqueles que estivessem contra o regime:

Noventa milhões em ação
Pra frente, Brasil
Do meu coração

Todos juntos vamos
Pra frente, Brasil
Salve a Seleção!

De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos
Pra frente Brasil, Brasil
Salve a Seleção!

Todos juntos vamos
Pra frente Brasil, Brasil
Salve a Seleção!

Foi criada uma atmosfera em que um fracasso da seleção seria um desastre nacional sem tamanho, tanto que o presidente da Confederação Brasileira de Desporto (CBD) João Havelange não media esforços para organizar a seleção. “Nenhuma estratégia era descartável, até mesmo a possibilidade de contratar um técnico contrário aos valores golpistas, que ainda àquela altura a propaganda governamental insistia em chamar de valores revolucionários” (AGOSTINO, 2004 p.14). Neste cenário, João Saldanha assumiu a seleção, seu trabalho nem de longe seria fácil, era alvo de críticas de todos os lados. Foi nessas circunstâncias que o jornalista e radialista João Saldanha assumiu a Seleção.

Neste aspecto a figura de Médici assumia um papel que tentava mascarar as arbitrariedades do regime, seu fanatismo pelo futebol não era montagem quando o regime militar a divulgou “algumas de suas fotos mais famosas – ouvindo jogo no radinho de pilha, enrolado na bandeira nacional por ocasião do tricampeonato e fazendo embaixadas com alguma perícia, o que revelava intimidade com a bola” (Folha de São Paulo, 6 mar. 2002, p. A2). Tanto que alguns ministros buscavam mostrar a essa característica do presidente, “relacionando-a à ‘brasilidade’ de Médici e à sua condição de “homem comum”.

Jarbas Passarinho, seu ministro da educação, na mesma matéria ainda, celebra essa postura do presidente num comentário que busca exaltá-lo descaradamente: “Todos conhecem seu nacionalíssimo gosto pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com o entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou”. (p. A02)

A propaganda governamental buscava ligar as vitórias em campo à situação social do país, tanto que considerava a copa de 1966 como decepcionante e fruto de erros antigos, uma clara cutucada nos governos de Jânio e Jango. O jornal Folha de São Paulo, não fez cerimônia para rasgar de elogios o regime pelo sucesso atingido no futebol:

A verdade irrecusável é que o Brasil levou para os campos de futebol, na disputa de um campeonato que tanto diz à alma popular, todo o espírito que hoje anima a nossa pátria: confiança ilimitada em suas possibilidades (...). Foi tão grande essa união (...) que ela se estendeu pelo Brasil afora (...). De repente, demo-nos as mãos, esquecendo divergências e ressentimentos. A bandeira nacional, símbolo não apenas

da pátria, mas de uma pátria indestrutivelmente unida e coesa, veio às ruas, às casas, aos automóveis, numa exaltação cívica sem precedente
Portanto, a transformação do futebol em “esporte nacional” foi produto de um processo histórico realizado por agentes do universo cultural, político e esportivo, tendo como base uma forte presença do Estado e das idéias nacionalistas (A Folha de São Paulo, 23/06/1970, p. 4, *apud* GUTERMAN, 2006, p.110)

Alguns apontamentos podem ser feitos após esta revisão bibliográfica acerca do período que se caracterizou como o ponto mais alto do esporte brasileiro durante a ditadura militar brasileira. Primeiramente, o futebol assumiu um papel destaque na reconstrução da identidade de brasilidade. Os resultados expressivos obtidos em campo tornaram-se uma das ferramentas (se não a mais) efetiva de divulgação do regime. Em seguida por ser tratado como esporte nacional, até mesmo os opositores do regime, viam-se em uma situação desconfortável ao depararem-se com os resultados e com a vontade de torcer e gritar gol. E, por fim, mas não menos importante, a figura do presidente, que se vestia de torcedor para comemorar e simular uma proximidade com a população economicamente ativa, cada gol comemorado era mais um caso de tortura ou de outros casos de crimes contra a vida.

A propaganda foi muito bem utilizada pelo regime: “Os cartazes de propagandas do regime confundiam-se com o sucesso do escrete nacional” (FRANCO JR, 2007, p. 143). Tanto que após a conquista do tricampeonato na semana da pátria de 1970 era: “Ninguém segura esse país”, e não foi só ela quem foi atingida pelo “vírus da vitória”: nas repartições públicas o slogan “Ontem, hoje, sempre, Brasil”, os intervalos na televisão e no rádio bradavam: “Até 1964 o Brasil era apenas o país do futuro. E então o futuro chegou”. Os carros eram adornados com o adesivo: “Brasil, ame-o ou deixe-o” (FRANCO JR, 2007, p. 143).

O que nos leva a outro elemento deste processo, é a construção de padrões de manipulação no trabalho jornalístico. “Os padrões devem ser tomados como padrões, isto é, como tipos ou modelos de manipulação, em torno dos quais gira, com maior ou menor grau de aproximação ou distanciamento, a maioria das matérias da produção jornalística (ABRAMO, 2003, p. 25).

O próprio discurso de neutralidade de um veículo é um padrão de manipulação aumentando a inserção no público alvo, “através da construção de um lugar simbólico onde se destaca o papel de defensores do bem comum e dos anseios da população de maneira geral. Com isso, se autoconfiguram como intermediários entre o poder e o público, referendando o seu lugar de poder (BARBOSA, 2007, p. 192-193).

Abramo, afirma que “ela é imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes e das “estratégias de mercado” adotadas pelas grandes corporações e pelo capital financeiro” (2003, p.8). Pois, ela

Constrói consensos, educa percepções, produz “realidades” parciais apresentadas como a totalidade do mundo, mente, distorce os fatos, falsifica, mistifica – atua, enfim, como um “partido” que, proclamando-se porta-voz é espelho dos “interesses gerais” da sociedade civil, defende os interesses específicos de seus proprietários privados (ABRAMO, 2003, p. 8).

No caso do nosso objeto de estudo, a imprensa tem o papel de “formar mentes e corações”, utilizando a seleção nacional como porta voz de um projeto de nação.

2.1 O ESCRETE QUE ENCANTOU O BRASIL

A preparação da seleção brasileira que culminou no tri campeonato não foi simples, as seis vitórias em seis jogos resgataram a confiança no escrete nacional, todavia os péssimos resultados na preparação, aliados a declarações polêmicas de Saldanha culminaram na troca de treinador as vésperas da Copa, Saldanha foi substituído por Mário Jorge Lobo Zagallo técnico inexperiente, mas que foi bicampeão mundial como atleta.

A relação de Saldanha tanto com a Confederação Brasileira quanto com o presidente Médici nunca foi amistosa. Sua contratação causou surpresa devido à sua militância na esquerda e contra o regime. Todavia ela foi uma tentativa de calar as críticas da mídia esportiva. Os resultados que encantaram em 1969 rarearam em 1970. Seu posicionamento firme, muitas vezes intransigente, irritava a CBD e o próprio Médici. A não convocação do atacante Dario do Atlético Mineiro foi uma das polêmicas na passagem dele no comando da seleção. Duas semanas após responder acidamente “Ele [Médici] escala os ministérios, eu escalo a seleção” pode ser considerado o estopim de sua queda.

Com a saída de Saldanha, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, João Havelange

[...]tinha agora o caminho aberto para a militarização da delegação que conduziria o Brasil ao México. Esta era chefiada pelo major-brigadeiro Jerônimo Bastos, com a segurança ficando a cargo do major Ipiranga dos Guarany's, além de contar ainda com os militares Cláudio Coutinho, Raul Carlesso e José Bonetti, alguns deles integrantes da antiga Cosená. Cabelos cortados no estilo da caserna, preparação física coordenada por militares, contraditoriamente a Seleção se transformaria, dentro de campo, em paradigma do verdadeiro futebol-arte que tanto se fala desde então (AGOSTINO, 2004, p.14)

A saída do “comunista” João Saldanha remobilizou a seleção e acelerou o processo de militarização da seleção. A grande contradição em todo este processo é que a seleção que ficou marcada como exemplo de futebol-arte. De acordo com FERREIRA (2011) isso se dá pelo fato que a memória midiática “foi construída socialmente, podemos observar como as personagens responsáveis pelo treinamento físico e o planejamento de adaptação foram esquecidas ou secundarizadas (p.03). A vitória tornou-se fonte de autoafirmação e fortalecimento da identidade (orgulho de ser brasileiro), “parece tácito, para afirmação da identidade, o esquecimento da rotina do treinamento e da disciplina. Ou seja, a militarização/racionalização do futebol foi subtraída da memória jornalística (03). Sem contar que, ainda nas palavras de FERREIRA (2011):

Isto poderia colocar em xeque a imagem romântica da autenticidade do “futebol-arte”. Assim, a imagem construída nos jornais e na TV em torno da conquista de 1970 obscurece uma série de fatores, sobretudo o caráter militarizado da seleção, cristalizando apenas o aspecto “mítico” e heróico da vitória brasileira. Para os militares, o sucesso da seleção refletiria o período do milagre econômico no qual vivia a economia brasileira. Nos filmetes produzidos pelo governo fica nítida a relação entre o sucesso do futebol e da economia do país (Ferreira, 2011, p.3)

A seleção que encantou o mundo estreou ganhando de 4x1 da Tchecoslováquia, depois derrotou a campeã da Copa de 1966 a Inglaterra por 1x0, encerrando a primeira fase venceu a Romênia por 3x2. Nas quartas de final 4x2 no Peru, na semifinal 3x1 no Uruguai – alzo de 1950. O jogo do tri foi no estádio Azteca no dia 21 de junho de 1970: 4x1 na também bicampeã Itália. A equipe titular de Zagallo era Félix, Carlos Alberto Torres, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson, Rivelino; Pelé, Tostão e Jairzinho.

2.2 MÉDICI O TORCEDOR/PRESIDENTE

Guterman (2004) é enfático ao dizer que o Brasil teve um presidente que se entregou a causa chamada Copa do Mundo, sendo de longe o que mais se envolveu e que viveu com intensidade todo o processo que levou o Brasil à conquista definitiva da taça Jules Rimet:

Do ponto de vista estritamente cerimonial, Médici cumpriu, como quase todos os outros presidentes brasileiros em circunstâncias semelhantes, sua “obrigação” de prestar apoio e solidariedade ao selecionado nacional na disputa pela Copa do Mundo. No entanto, no caso específico de Médici, o que se viu, a julgar pelos relatos de época, foi uma entrega pessoal que superou, com folga, o ritual adequado à função que exercia. O presidente fazia questão de se qualificar como “torcedor”, sempre que podia. No dia da difícil vitória contra a Inglaterra, ele enviou um telegrama à Seleção, dizendo: “Na oportunidade da notável vitória conquistada palmo a palmo sobre a grande equipe inglesa, mando-lhes meu comovido abraço de

torcedor, pela demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência e bravura”. A linguagem de Médici também era a de um torcedor. (GUTERMAN, 2004, p.270)

No mesmo texto, ele apresenta um fragmento contido na Folha de São Paulo que ressalta que Médici se fez torcedor como qualquer outro:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez embaixadas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulado pelos fãs, que diziam “se o Zagalo soubesse, hein, presidente...” (22 jun. 1970, Capa).

Médici ao subir ao palanque, fez questão de reforçar que a vitória no México era diretamente ligado a “unidade” e “da convergência de esforços”, o que nos leva a crer, que sob o olhar do regime, vitória canarina foi proporcionada pelas condições impostas pelo governo, pelo menos era isso que a propaganda oficial buscava mostrar.

Eu identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios que nós devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso da nossa Seleção de futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro. (LEVINE, 1982, p.41)

No governo Médici dois fatores alimentavam o clima de ufanismo que pairava no ar, a construção da ideia de que a vitória da seleção só veio porque o regime apoiou e deu condições ao escrete (no “futebolês” jogou para a torcida) e a utilização de uma rede de propagandas que apresentava o Brasil como um país com acelerado crescimento econômico que refletia na substancial melhora na qualidade de vida da população. O milagre econômico, “ideia-força do discurso ufanista, se apresentava como evidência do sucesso da política econômica e era enunciado pelas obras grandiosas de infraestrutura em construção, implantação de tecnologia avançada e ampliação do mercado consumidor” (MATOS, 2003, p.55). Essa melhora no nível de vida dos brasileiros “foi creditada essencialmente como resultado do esforço conjugado entre governo e povo” (MATOS, 2003, p.55).

A Revista Manchete de 11 de julho de 1970, traz nas páginas 20 e 21 um texto profundo, em que as entrelinhas são tão ou mais interessantes que a publicação em si:

Acontece, porém, que vários torcedores, expulsos dos estádios e proibidos de neles ingressar por dez anos, organizaram-se fora deles e partiram para o crime e o desespero. Substituíram as bandeiras pelas armas, as faixas pelas bombas e as camisas pelas máscaras.

Que torcedores tão fanáticos eram esses? Quando presos ou liberados nos resgates, verificava-se que não se tratava dos crioulos das gerais ou dos operários das arquibancadas, mas sim de jovens estudantes, das cadeiras de pista, com média de 23 anos de idade, fascinados pelo delírio da aventura e enlouquecidos pela sede de violência que desaguaria numa onda de atentados, sequestros e assaltos a mão armada (...)

Era o clima de desânimo, retração, desconfiança e derrotismo que se instalara no Brasil durante todo o primeiro semestre deste ano e que terminaria por contagiar também a seleção. O país inteiro estava numa espécie de circuit ou de interval-training, submetido aos testes de Cooper.

-Não passaremos das oitavas.

O presidente da República, que havia assistido ao jogo contra a Áustria, última (e melhor) prova antes da partida, pediu a seu filho Roberto que fosse ao vestiário dizer ao capitão Carlos Alberto:

-Traga essa Copa. Nunca precisei tanto de um caneco.

-Diga a seu pai que pode ficar descansado. Nós traremos o caneco.

E se o capitão falou, estava falado. A promessa seria cumprida ao longo de seis provas duríssimas, nas quais um grupo de brasileiros patriotas, humildes, disciplinados e capazes – indivíduos competentes, olha a camisa deles! - deslumbrou o mundo inteiro com seu futebol-arte (...).

(...) A turma do sereno não estava satisfeita com toda essa alegria, assaz desinteressante para os planos negativistas do quanto pior melhor, do povo triste, do país derrotado, da nação incapaz. Na fumaça das comemorações da vitória sobre o Peru, espocavam outros tiros menos festeiros e mais certos. Mas nem mesmo o sequestro do embaixador de um país que poderíamos enfrentar nas semifinais conseguiu desviar o povo das celebrações que, num crescendo, desaguariam no maior carnaval de todos os tempos. O Brasil estava muito ocupado com seus triunfos para preocupar-se com seus terroristas.

-Vamos, minha gente (...)

Quem, por exemplo, esperasse uma caça às bruxas ou uma noite de São Bartolomeu logo após o reaparecimento do embaixador alemão, recebeu anotícia da Rodovia Transamazônica (...).

E pela primeira vez, nestes seis anos, abriram-se ao povo os portões do Palácio da Alvorada. E o povo confraternizou om seu presidente, jogou bola com ele, penetrou na zona do agrão, tirou de letra, deu de chilena e de primeira, estendeu um lençol, fez o corta-luz e a ponte, os passes de profundidade e a cobertura, os dois toques e a embaixada.

-Ninguém segura este país (Revista Manchete, 11 de julho de 1970, p 20-21, apud FRAGA, 2011, p.10/11)

Murilo Melo Filho discorre sobre temas políticos como se falasse de uma partida de futebol, suas metáforas futebolísticas mascaram uma profunda crítica a movimentação da ditadura que perseguiu sem piedade todos aqueles que não se “encaixavam” no perfil ideal. O presidente abria as portas do palácio enquanto Ustra e Fleury fechavam celas de tortura no DOPS.

A paixão de Médici pelo futebol o aproximou do povo, pelo menos nos grandes centros. General da linha dura, usou a seleção como ferramenta de legitimação de seu governo e do regime.

3. A SELEÇÃO BRASILEIRA NAS PÁGINAS DO “VOZ DA SERRA”

3.1 APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de nos atermos nos apontamentos acerca do jornal enquanto fonte de pesquisa histórica, vamos apresentar o conceito de imprensa, adotando a definição de CAPELATO (1980), que o trata enquanto “Instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (p.19); negando “aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere” (p. 19). Ela constitui-se como “um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais” (p.21). O que nos leva a problematizar sua relação “imparcial”, quando emerge “a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social” (p. 21).

Na mesma linha, Elmir, 1995, afirma que

A imprensa não informa história, simplesmente. Se fosse assim, a história enquanto campo de investigação precisaria apenas se apropriar dos dados fornecidos pelos jornais. E quem já não pensou em retirar das páginas de um periódico os elementos necessários para reconstituir um momento da história? (ELMIR, 1995, p. 21)

Portanto, para o mesmo autor, “O jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade” (ELMIR, 1995, p.19). Sendo necessário entender que o “jornal, como um conjunto de páginas, é o receptáculo de textos que exigem de nós uma leitura diferente daquela que fazemos ao pegar o Correio do Povo, a Zero Hora, ou a Folha de São Paulo, todos os dias em nossa porta”(ELMIR, 1995, p. 19)

É importante que tenhamos em nosso horizonte, que

Jornais são obras coletivas, iniciativas que agregam uma composição de sujeitos, tornando esses projetos abrangentes, pois reúnem indivíduos voltados às mesmas crenças, valores e ideias que se intencionam transmitir, partindo da linguagem da palavra escrita. Neste sentido está a importância da identificação cuidadosa da linha editorial e do seu grupo responsável, do estabelecimento dos colaboradores mais frequentes, e da atenção para a seleção dos títulos e textos do programa. Estes elementos se referem a expectativas e intenções, bem como fornecem sinais relacionados à leitura de passado e visão de futuro aceita e reproduzida por seus defensores. Desta forma, os jornais contam com um projeto político, exposto cotidianamente ao leitor e, portanto, é um engano acreditar que o conteúdo do jornal, bem como sua “missão” sejam simplesmente informativos (SABADINI, 2014, p.18)

Cabendo ao pesquisador compreender que, quando se “trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade a alguma coisa” (LUCA, 2006, p.140) Sendo necessário, “atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas (LUCA, 2006, p.140). Uma ocorrência local não tem o mesmo destaque que uma ocorrência de âmbito estadual ou nacional.

CAPELATO (1988) ressalta ainda que “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos” (p.15). Nos veículos da grande imprensa ou nos veículos hegemônicos regionais, “onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis. A concorrência de mercado obriga cada jornal a enfrentar os adversários com as armas mais apropriadas à clientela que pretende atingir. (Capelato, 1988, p. 15).

SABADINI (2014), reforça que:

A maneira como são narrados os acontecimentos favorece a adequação de uma versão dos fatos específica. Os métodos de narração empregados na constituição do conteúdo, ou seja, na passagem de eventos para notícias, desintegra a informação e atesta um fragmento único da realidade, como se este fosse a verdade dos fatos. Esse relato isolado passa a representar a realidade, configurando o real verdadeiro e, desta forma, quando interpreta e descreve um desconhecido banalizando-o, as imagens dominantes são legitimadas e a composição do rotineiro individual recebe evidência. Com a ação de manifestar e veicular determinadas opiniões e visões de mundo, os jornais se implantam em uma demarcação de debates ideológicos na sociedade (Sabadini, 2014, p. 21/22)

Com isso, fica claro que as características do jornal, principalmente sua forma de atuar, disposição de espaços e conteúdos “são resultados de negociações sociais e culturais, em um terreno de debates. Esse jogo de interesses atua no trabalho de fomentar a adesão ou o dissenso e mobilizar para a ação, articulando, divulgando e disseminando projetos, ideias, valores e comportamento” (SABADINI, 2014, p. 28). E, ainda,

São produzidas referências homogêneas e cristalizadas para a memória social, através da repetição e naturalização do excepcional na, rotina, formando uma cultura do esquecimento. Por meio do alinhamento da experiência vivida de forma global em um tempo histórico comum, na ação de produzir e informar sobre o atual, é feita a formação de uma visão imediata da realidade e do mundo, estabelecendo, com isso, um padrão de consumidores, onde a imprensa funciona como vitrine do mundo das mercadorias e da produção de marcas de distinção social. Todos esses

elementos apontam para a influência da área de poder da imprensa, afirmando a força de sua intervenção em diversos campos da vida social, política e cultural (SABADINI, 2014, p.28/29)

E, é a partir deste cenário que iremos discorrer acerca da cobertura do jornal A Voz da Serra da copa de 1970, e seus desdobramentos nos meses seguintes. Para fins de esclarecimentos metodológicos, as imagens encontradas no item a seguir, foram coletadas nos volumes do jornal que encontra-se disponível no Arquivo Juarez Miguel Illa Font. Em virtude do desgaste das páginas e posicionamento das matérias ao longo das páginas, algumas matérias foram desmembradas, outras foram editadas (sem alterações no conteúdo) para facilitar a visualização, e um trecho foi transcrito para otimizar sua leitura.

3.2 A VOZ DA SERRA NO ERECHIM

O meio de comunicação mais famoso da cidade é o jornal “A Voz da Serra”, fundado inicialmente como “Boavistense” em 1929.

O jornal *Boavistense* foi o primeiro a circular, foi fundado em 1929, e em 1937 passou a chamar se Voz da Serra (fundado por Manoel Pinheiro Mena e Estevam Carraro). Estevam Carraro, era militante do Partido Democrático Social (PDS), e afirmava que mesmo sendo partidário, bradava que sua influência política seria imparcial e de transparência enquanto o jornal estivesse sob sua direção, pois seus posicionamentos pessoais, sejam políticos ou religiosos não seriam formas seletivas para os temas futuros no jornal.

No seu quadro de colunistas o jornal apresentava grande variedade, temas religiosos tinham espaço garantido, seu filho Geder Carraro, e colunistas da revista Erechim também (REIS, 2018, p. 13).

Com relação aos jornais pesquisados, sua conservação é boa para pesquisa, com poucos trechos de leitura comprometida, tem desgastes nas bordas, as páginas estão amareladas causadas pela oxidação e algumas foram restauradas. As páginas do jornal têm 48 x 34 centímetros, no formato standard. As publicações ocorriam nas terças-feiras, quartas-feiras, sábados e excepcionalmente aos domingos.

A primeira matéria, apresentada pelo jornal, intitulada “Copa do Mundo” reforça o caráter de aproximação entre governo e seleção nacional, o Ministério da Comunicação através dos Correios desenvolveu envelopes padronizados com a taça Jules Rimet:

Figura 1 Copa do Mundo

ATENDIMENTO NOTURNO
Maurício Cardoso, 382 — Fone 2183 | Borges de Medeiros, 453 - Fone 24-97-16

Copa do Mundo

O Ministério das Comunicações através da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos entregou à Delegação brasileira que disputara a Taça "Jules Rimet" envelopes especiais, com o símbolo da copa, e que dará prioridade absoluta no Brasil para a correspondência remetida pelos jogadores, membros da delegação e suas famílias.

Os envelopes foram distribuídos gratuitamente à delegação brasileira e os primeiros foram entregues em uma solenidade que teve a presença do Ministro das Comunicações, sr. Hygino Corsetti do Presidente da ECT sr. Haroldo Corrêa de Mattos, e do Presidente da EMBRATEL, sr. Francisco Augusto de Souza Gomes Galvão, que, na oportunidade ofereceu à CBD facilidades de comunicação via satélite.

VANTAGENS

Impressos em todos os formatos padronizados para correspondência aérea internacional, os envelopes que foram lançados pela ECT têm o símbolo do Campeonato Mundial de Futebol, a Taça "Jules Rimet" impressa em dourado, envolvida por uma série de círculos azuis, unindo os mapas do Brasil e do México.

Tôda a delegação brasileira recebeu gratuitamente os envelopes, em número suficiente para atender às necessidades de correspondência de seus membros e de suas famílias durante o período em que estará no México. Os jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão receberão também, gratuitamente os envelopes especiais Também o público poderá usar esses envelopes da Copa do Mundo, que terão remessa prioritária para qualquer parte do País e para o exterior, bastando para isso comprá-los nas agências da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

TAÇA E LEILÃO

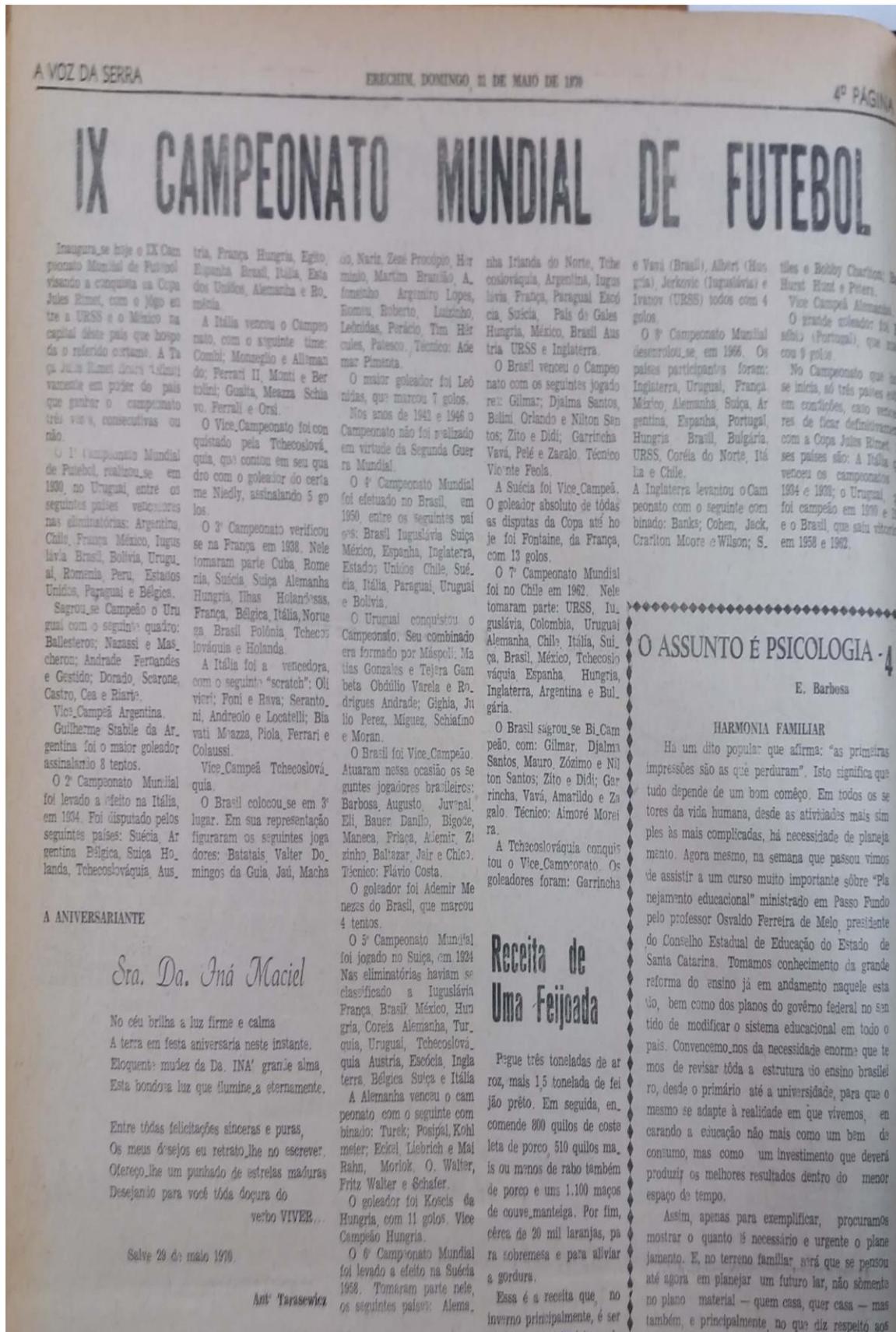
DR. NANSY PASSUELLO, Pre. Estado do RGSul de junho, às 10,30 horas, se ematação, e se não houver às 10,30 horas, o leilão dos autos da ação da Herança PÚBLICO é o requerente e ber; 400 telha de barro, avas de madeiras, avaliados em

Fonte Jornal a Voz da Serra, 28/05/1970, p.07)

As "Vantagens" desta padronização, é que "todos" teriam acesso ao material que foi dado gratuitamente aos atletas e seus familiares e para a imprensa, mediante compra em uma agência dos Correios. Mais do que isso, visava difundir a imagem da seleção nacional enquanto "cola" para o quebra-cabeças chamado Brasil, cuja multiculturalidade seria substituída pela unidade nacional proporcionado pela seleção.

A matéria a seguir, de 31 de maio de 1970, dia que ocorreu a abertura da nona Copa do mundo, apresenta um histórico das edições anteriores, apresentando campeões, artilheiros, algumas escalações e as participações do escrete brasileiro.

Figura 2 IX Campeonato Mundial de Futebol



Fonte: Jornal a Voz da Serra, 31/05/1970, p.2)

Já a terceira matéria, datada de 18 de junho de 1970 tem como título: “Brasil vingou-se de 1950” em caixa alta. A semifinal entre Brasil X Uruguai foi um jogo emblemático, naturalmente era dotado de rivalidade entre vizinhos, acirrada pelo maracanazzo de 1950, e ainda contou com os “quase gols” de Pelé: o drible de corpo em Mazurkiewicz (goleiro uruguaio) e o chute do meio de campo de “bate pronto”. As vitórias da seleção iam implodindo fantasmas antigos, assumindo uma aura ainda mais carregada de sentimentos nacionais de vitória perante os inimigos, libertando o Brasil do complexo de vira latas.

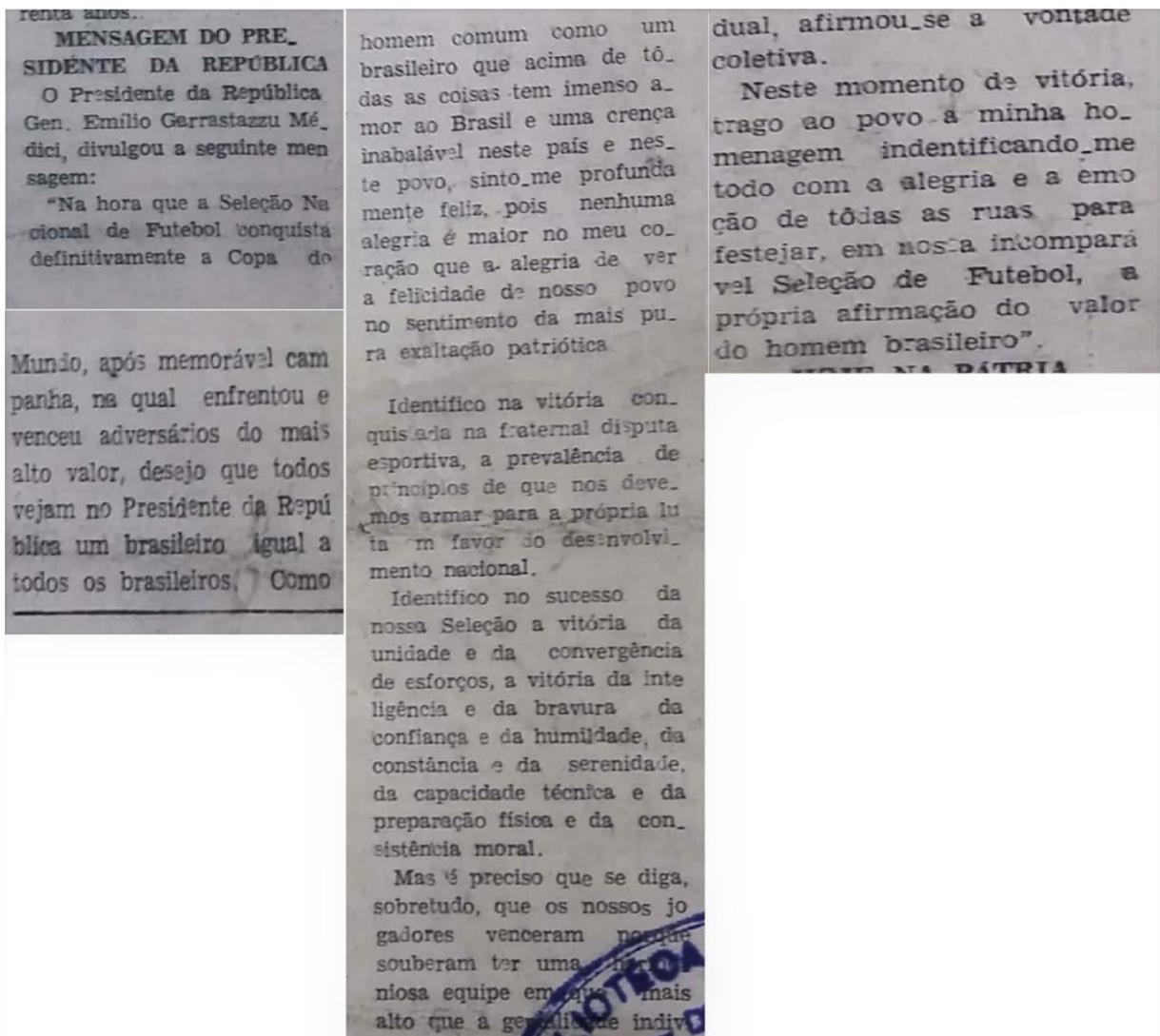
Figura 3 Brasil vingou-se de 1950



A quarta imagem é a mensagem do Presidente da República que compôs a matéria “Brasil explodiu com o Tri” de 21 de junho de 1970. Médici bradou:

[...] Como homem comum como um brasileiro que acima de todas as coisas tem intenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade de nosso povo no sentimento da mais pura exaltação patriótica.

Figura 4 Mensagem do presidente da República



Fonte: Jornal A Voz da Serra, 21/06/1970, s/p)

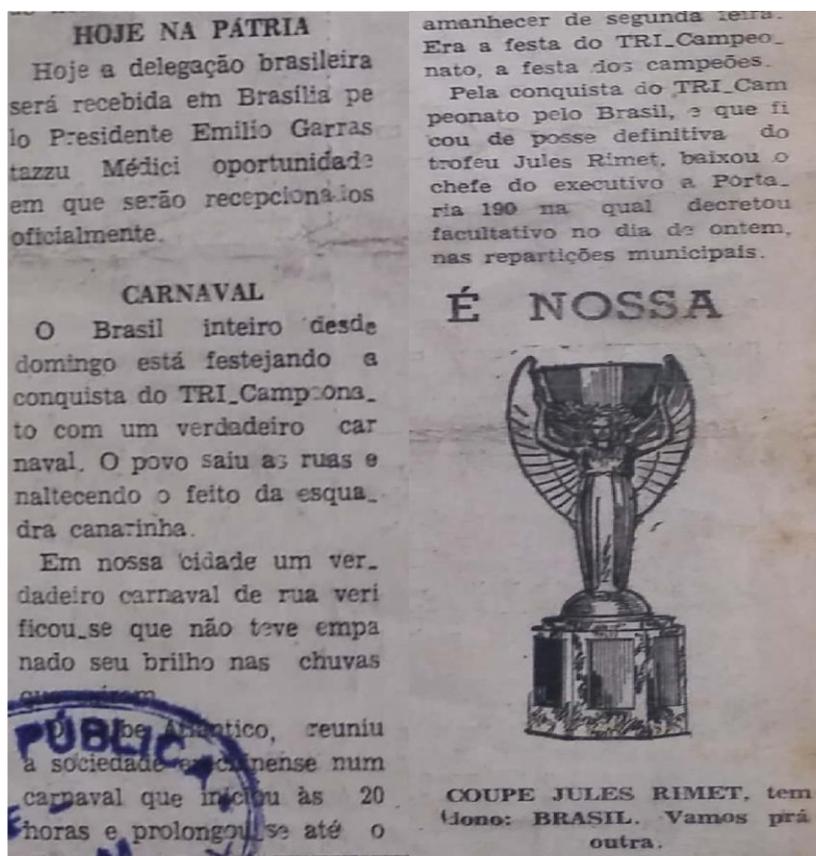
Outro aspecto que reforça essa aproximação entre governo e seleção, é construção de um discurso ufanista. Como vemos no trecho:

Identifico na vitória conquistada na fraternal disputa esportiva a prevalência de **princípios de que nós devemos nos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional.**

Identifico no sucesso da nossa Seleção a **vitória da unidade e da convergência de esforços**, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade da capacidade técnica, preparação física e **consistência moral.** (grifos nossos)

Como podemos ver, o discurso do presidente é dotado de muito simbolismo reafirmando que seria necessário / importante adotar a mesma postura para alcançar o desenvolvimento nacional. Esse tipo de analogia, pode ser interpretado a partir da ideia de que “todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem” (BRANDÃO, 2009, p.03). Médici atuou de maneira fulgurante nesse processo, assumiu um protagonismo que fugiu da ideia de que era mais um homem de farda que comandava a nação. Era frequentemente tratado “como mais um” torcedor. Essa construção ajudou a reforçar seu poderio enquanto governante, diminuindo críticas a sua política governamental, pois ele era um brasileiro / torcedor como toda a população, que sentia-se próxima dele.

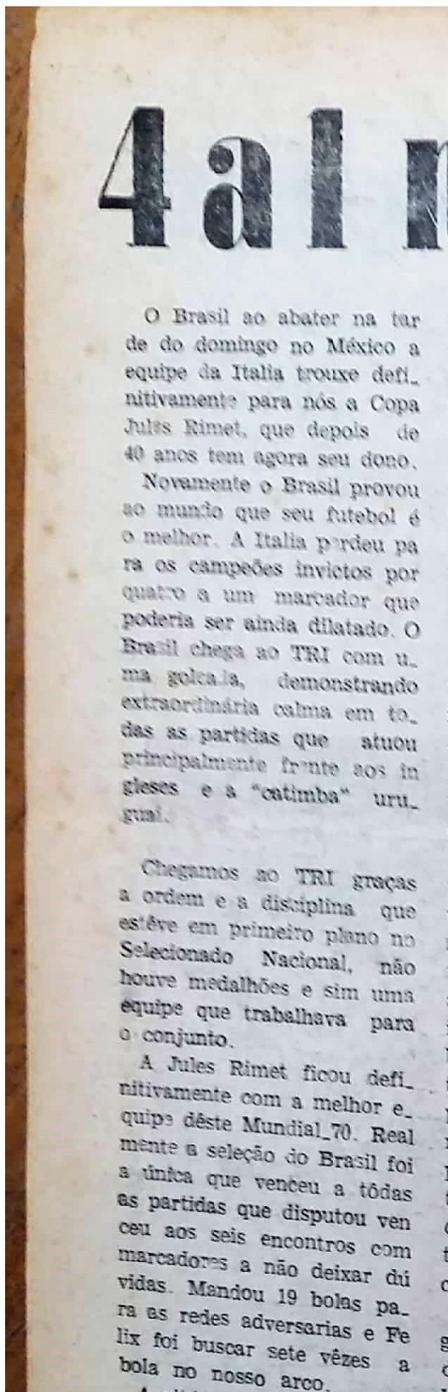
Figura 5 Hoje na Pátria / Carnaval



O trecho acima também faz parte matéria “Brasil explodiu com o Tri” de 21 de junho de 1970, e faz menção à programação adotada pelos campeões e informa o decreto de ponto facultativo na segunda feira.

A próxima matéria intitulada “O caneco veio”, de 23 de junho de 1970 apresenta um resumo do jogo final da Copa do Mundo.

Figura 6 4x1 na Itália e o Caneco Veio



Fonte: Jornal a Voz da Serra, 23/06/2018, s/p)

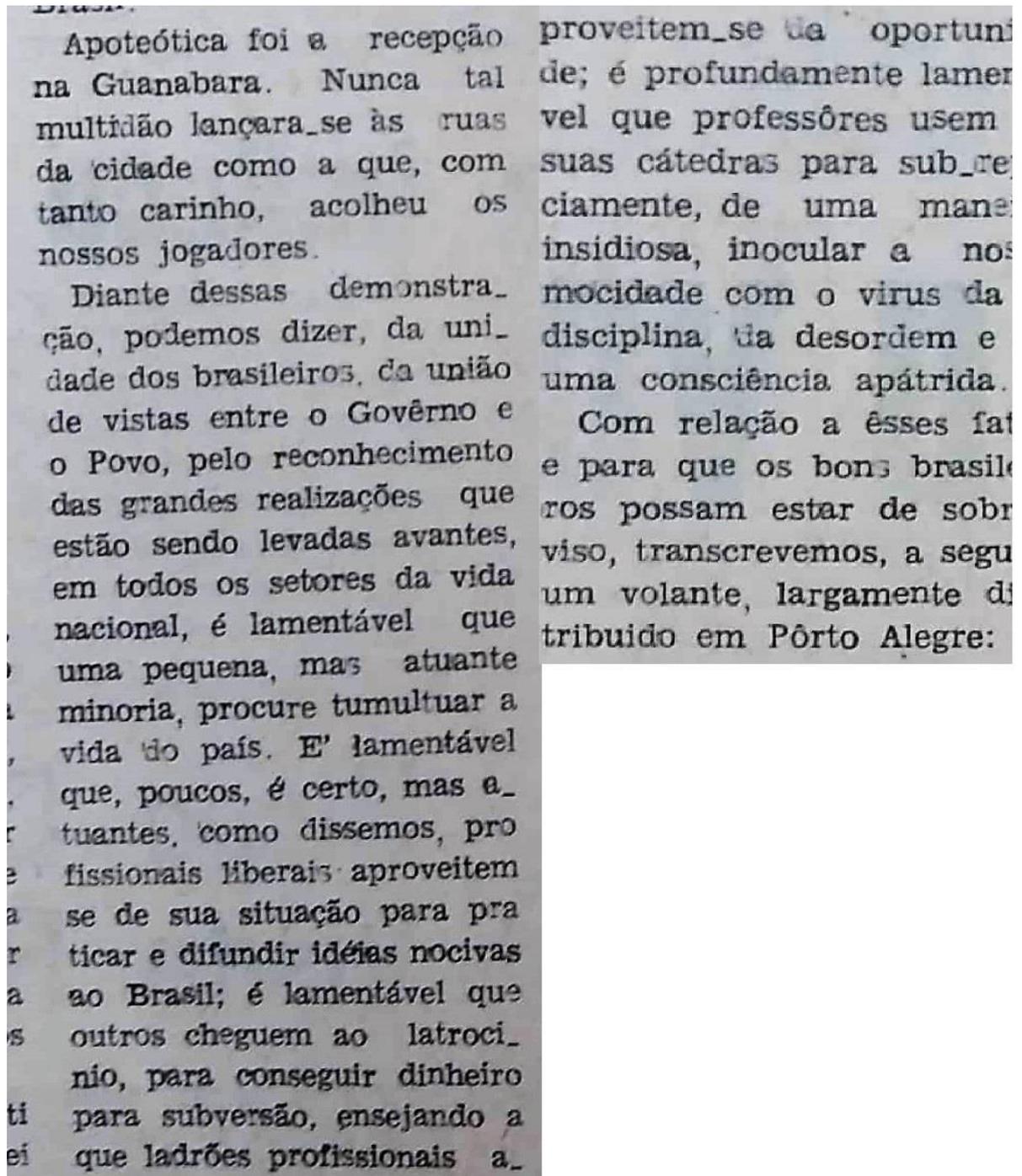
A última matéria analisada, é intitulada Copa, Nacionalismo e Subversão, de 30 de junho de 1970 e ocupa toda a terceira página do jornal. No trecho “ que só espíritos embuídos (*sic*) de um sadio nacionalismo, num clima de ordem, de disciplina e de humildade como tantas vezes foi ressaltado poderam (*sic*) levar a bom termo”, vemos a separação entre nós e eles, que apenas quem se enquadra nas diretrizes do regime são “dignos” de comemorar a vitória.

Figura 7 Copa, Nacionalismo e Subversão (parte 1)

Os nossos patricios, do norte ao sul, do este ao oeste, vibraram por tal proeza es-
pandindo-se na mais alta ex-
pressão de seu vibrante entu-
siasmo pelo acontecimento
que só espíritos embuídos de
um sadio nacionalismo, num
clima de ordem, de discipli-
na e de humildade, como tan-
tas vèzes foi ressaltado, po-
deram levar a bom termo.
Nesse dia memorável, o pró-
prio Presidente da República,
irmanando-se com todo o
povo que exultava de alegria
pelo feito da nossa Seleção,
sem casaco, como estava,
com as mangas da camisa ar-
regaçadas, veio para a parte
externa do Palácio da Alvora-
da, a fim de confraternizar
com seu povo nas comemora-
ções da façanha de nossos
craques.

O trecho em que exprime a participação do presidente na festa é mais uma tentativa de tentar colocá-lo enquanto figura próxima ao povo. No próximo fragmento da matéria, vemos novamente a repetitividade do discurso de que a vitória não foi só esportiva, e que é sinal de unidade.

Figura 8 Copa, Nacionalismo e Subversão (parte 2)



A frase “união de vistas entre governo e povo pelo reconhecimento das grandes realizações que estão sendo levadas avantes (*sic*) em todos os setores da vida nacional, é lamentável que uma pequena, mas atuante minoria procure tumultuar a vida no país” criminaliza novamente todos aqueles que não se enquadram no sistema do regime, tanto que, na mesma matéria encontramos o “Decálogo da Segurança”, que dá algumas “dicas” aos cidadãos de bem:

1 - Os terroristas jogam com o medo e com o pânico. Somente um povo prevenido e valente poderá combatê-los. Ao ver um assalto ou em atitude suspeita, não fique indiferente, não finja que não viu, não seja conivente. **Avise logo a polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão todas garantias, inclusive anonimato.**

2 – Antes de formar uma opinião, verifique várias vezes se ela é realmente sua ou se não passa de influência de “amigos” que o envolveram. **Não estará você sendo inocente útil numa guerra que visa destruir sua família e tudo que você mais ama nesta vida?**

3 – Aprenda a ler jornais, ouvir rádio e assistir televisão com certa malícia. Aprenda captar mensagens indiretas e intenções ocultas. Você vai se divertir muito com o jogo daqueles que pensam que são muito inteligentes do que você e estão tentando fazer você de bobo com um simples jogo de palavras.

4 – Se você for convidado, ou sondado, ou conversando sobre assuntos que lhe pareçam estranho ou suspeitos, **finja que concorda e cultive relações com a pessoa que assim o sondou e avise a polícia ou o quartel mais próximo. As autoridades lhe dão todas garantias, inclusive anonimato.**

5 – Aprenda a observar e guardar de memória alguns detalhes marcantes das pessoas, viaturas e objetos na rua, nos bares, nos cinemas, teatros e auditórios, nas residências, nas estações ferroviárias, nos trens, nos aeroportos, nas estradas de maior movimento ou aglomeração de gente.

6 – Não receba estranhos em sua casa – mesmo que sejam da polícia sem antes pedir-lhes a identidade e observá-los até guardar de memória alguns detalhes: nº da identidade, repartição que expediu, roupa, aspecto pessoal, sinais especiais, etc, - o documento também pode ser falso.

7 – Nunca pare seu carro solicitado por estranhos, nem lhes dê “carona”. Ande sempre com as portas do seu carro trancadas por dentro. Quando deixar o seu carro em algum estacionamento ou posto de serviço, procure guardar alguns detalhes das pessoas que o cercam.

8 – **Quando notar a presença de estranhos em atitudes suspeitas, no seu quarteirão ou edifício, avise logo a polícia ou o quartel mais próximo.**

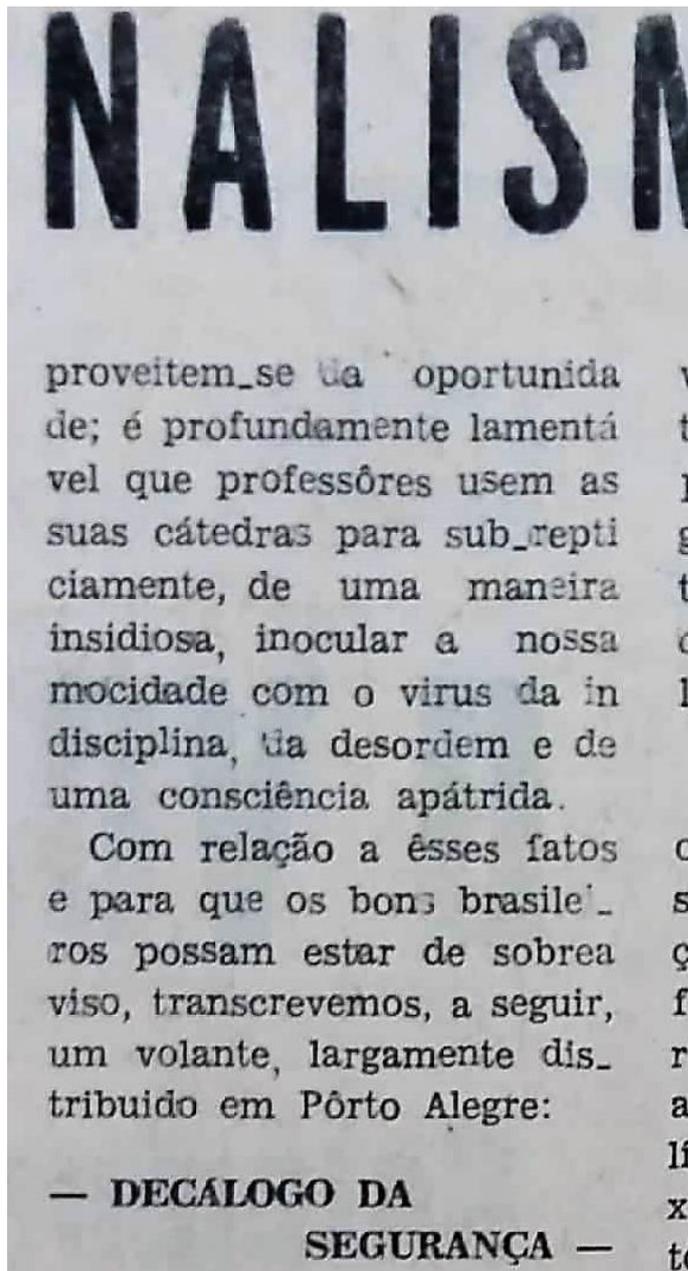
9 – **Procure desenvolver seu espírito comunitário. Participe ativamente das iniciativas do seu grupo social, de seu bairro ou da escola de seus filhos. Lembre-se que a união faz a força.**

10 – **A nossa união será a derrota do inimigo. Se soubermos nos manter sempre, compreensivos, cordiais, informados, confiantes e unidos ninguém nos vencerá.** (Jornal a Voz da Serra, 30/06/1970, p.03, grifo nosso)

Pelo fato da matéria não ser assinada, nos faz acreditar que ela foi produzida pela equipe editorial do jornal, a partir de uma diretriz vinda de Porto Alegre, e que ela é totalmente pró regime. Em três dos dez itens há o incentivo à delação, inclusive afirmando que o dedo-duro teria garantia de anonimato. Mais do que isso, incentiva as pessoas a desconfiarem de tudo e de todos, aumentando a aura criminal do “pensar diferente”.

O cidadão de bem é aquele que se insere na comunidade, que dedura qualquer um que seja minimamente suspeito e que se une ao regime, se tornando um olho da ditadura nos grupos que frequenta. É aquele que questiona e pressiona o vizinho, mas fecha os olhos para os desmandos da ditadura, para a tortura e demais formas de violência.

Figura 9 Trecho explicativo do Decálogo da Segurança



Fonte Jornal a Voz da Serra, 30/06/1970, p. 03

O vilão, portanto, neste cenário são os professores, que usam “suas cátedras para subrepticiamente, de uma maneira insidiosa, inocular a nossa mocidade, com o vírus da

indisciplina, da desordem e de uma consciência apátrida”. Portanto o decálogo que foi largamente reproduzido foi transcrito pelo jornal para alertar os cidadãos de bem.

Essa aura de medo e desconfiança funcionou muito bem necessidades do regime, pois alienou grande parte da população através da censura política sobre a imprensa:

A censura política sobre a imprensa consistia em uma forma de violência simbólica aplicada sobre os veículos de comunicação. Ao vetar integral, ou parcialmente as matérias publicadas ou apreender edições já nas bancas, privava-se tanto a liberdade de veiculação dos periódicos quanto o acesso à informação pelo público. As práticas da censura política não objetivavam somente proteção da imagem do regime, evitando a circulação de idéias contrárias. Constituíam, principalmente, formas de controle sobre o universo cultural, na legitimação dos ideais e discursos do Estado Militar no meio social. Embora não seja tão reconhecível quanto às formas físicas de violência, a violência simbólica promovida pela censura política (e pela autocensura ideológica) se mostrava igualmente brutal. Mesmo com as brechas exploradas por parcela da imprensa como forma de denúncia e resistência, sua ação obteve grande amplitude, e contribuiu, talvez de modo mais incisivo à manutenção de uma pretensa ordem que se buscava construir (MARCZAL, 2011, p.58).

Em suma, a imprensa necessitava adequar-se as diretrizes impostas pela ditadura para que os veículos pudessem continuar em atividade. Qualquer coisa que gerasse questionamento poderia transformar-se em um incidente grave. A *Voz da Serra*, como podemos perceber “dançou conforme a música”.

Isso quer dizer que o jornal buscou seguir a linha estabelecida pelos órgãos governamentais, basicamente para manter-se na ativa. As regras eram severas para com os veículos de comunicação que eram considerados subversivos. No período da ditadura a repressão e a censura foram largamente utilizadas como ferramenta de controle social. Os jornais que não se adequassem as diretrizes eram fechados, seu registro e seus funcionários caçados.

A complexidade deste cenário obrigou a todos os órgãos adaptarem-se para sobreviver. A posição do editor chefe flutuava entre a “neutralidade” e a defesa do regime, de acordo com as necessidades do momento. A expressão neutralidade foi cunhada entre aspas, pois acreditamos que assumir uma postura neutra, de fato era apenas uma máscara para esconder o posicionamento pró regime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho buscava foi analisar a cobertura do Jornal a Voz da Serra acerca da Seleção Brasileira de Futebol entre abril e agosto de 1970, e a apropriação do regime militar dos resultados obtidos em campo, analisando também o posicionamento do jornal a partir das possíveis contribuições da seleção nacional na propaganda do regime. Buscamos ainda problematizar os sentidos de pertencimento e identidade nacional produzidos pela seleção brasileira e a forma como a ditadura se apropria disso.

Neste sentido, o problema de pesquisa buscou responder como a cobertura da Copa de 1970 chegou a Erechim. Qual a linha adotada pelo Jornal a Voz da Serra?

A construção desta pesquisa se alicerçou no conceito de identidade nacional, a partir de teóricos como Stuart Hall e Eric Hobsbawn, apresentou noções de identidade nacional brasileira, onde optamos por tratá-la como brasilidade, traçando um comparativo entre o sujeito brasileiro ideal versus o malandro onde percebemos que devido a proporção territorial esses estereótipos não dão conta de toda a população brasileira. Ainda no capítulo um trabalhamos o futebol sob a perspectiva de ferramenta de construção / fortalecimento da identidade nacional.

No capítulo seguinte, abordamos a seleção brasileira de 1970, seus resultados obtidos, a forma como o regime apropriou-se dos resultados positivos em prol do regime, e traçamos um perfil do homem que comandava a nação e era um apaixonado por futebol: Emilio Garrastazu Médici. No terceiro capítulo, abordamos a cobertura do jornal A Voz da Serra no período. Primeiramente apresentamos alguns apontamentos sobre a metodologia para a utilização de periódicos enquanto fonte de pesquisa histórica e por fim analisamos as matérias encontradas no jornal.

Esta construção nos permitiu tecer algumas considerações: o futebol foi / é um elemento fundamental na construção do conceito de brasilidade, uma forma de vitória perante os percalços sociais e econômicas da nação. Médici foi muito astuto ao vincular a imagem do regime com as vitórias da seleção: associação que deu certo e cumpriu sua função principal de legitimar o regime e de transformar a seleção de 1970 em um exemplo de disciplina a ser seguido pela nação.

Com relação a cobertura do A Voz da Serra, podemos afirmar que ela seguiu as diretrizes que o regime impunha todos os meios de comunicação através da censura. Exaltando os feitos do escrete nacional e vinculando os resultados da seleção aos “avanços” do regime. A matéria mais impactante é “Copa, Nacionalismo e Subversão”, pois ela começa

falando da vitória, do orgulho e da necessidade de união nacional e confiança no regime, para depois expor o “Decálogo da Segurança”, que nada mais era que dez diretrizes de como agir em sociedade no Brasil e incentivando a todos para se tornarem delatores, acentuando o medo e a insegurança.

Em suma, este trabalho nos possibilitou aprofundar a compreensão da importância do futebol enquanto ferramenta de construção / ressignificação de identidades, e difusor de ideias em um cenário muito complexo e nebuloso da história brasileira.

Sua utilização foi arquitetada pelo regime afim de tentar criar / reforçar a ideia de unidade nacional, que mesmo sendo multicultural o Brasil poderia ser unido em prol de um objetivo maior, a legitimação da política interna e externa adotada pelo regime.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

AGOSTINO, Gilberto. Aquela corrente pra frente. *Nossa História*, 2004, v. 2, p. 14-20.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

_____. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

A Folha de São Paulo. A festa do povo, 23, jun. 1970, p.04.

_____. Capa. 22 jun.1970.

_____. 06, jun. 2002.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. 1. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BORGES, Luis Henrique de Azevêdo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil**. *Revista Histórica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, edição nº 24, agosto de 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Analisando o discurso. Texto publicado em 2009, no site do Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz. Disponível em: <http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=1> Acesso em: 15, nov.2018.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto / EDUSP, 1988.

_____; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino**. *Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. Unidade II, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. *Revista da USP*, São Paulo, n.22, j u n . / a g o . 1994.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre, n. 13, PPGH/UFRGS, 1995.

FERREIRA, João Fernando Pelho. **A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã**. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300380338_ARQUIVO_Tomadocomoumcaminhopossivelparaanalisedasociedade01.pdf>, acesso em: 15, nov. 2018.

FRAGA, G. Wasen. **Futebol, imprensa e ditadura**: das formiguinhas de Geisel à abertura de Telê. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH, São Paulo, 2011.

FRANCO Jr., Hilário. **A dança dos Deuses**. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007

FRANZINI, Fabio. **A futura paixão nacional**: chega o futebol. DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor A. de (Orgs.). História do esporte no Brasil. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1957.

GALEANO, Eduardo; NEPOMUCENO, Eric; DO CARMO BRITO, Maria. **Futebol: ao sol e a sombra**. L & PM, 1995.

GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **Médici e o futebol**: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. ISSN 2176-2767, v. 29, n. 01, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine la Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. **A crise do futebol brasileiro**: perspectivas para o século XXI. Revista Eco-Pós, v. 5, n. 1, 2002.

_____ et al. Pra frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. 2010.

Jornal A Voz da Serra, 28/05/1970

Jornal a Voz da Serra, 31/05/1970

Jornal A Voz da Serra, 18/06/1970

Jornal A Voz da Serra, 21/06/1970

Jornal a Voz da Serra, 23/06/2018

Jornal a Voz da Serra, 30/06/1970

KOCH, Rodrigo. **Apontamentos das Lutas de Poder na Trajetória Política do Futebol Brasileiro**. Diálogo, n. 23, p. p. 49-60, 2013.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Camila Konrath. **Pra frente Brasil: Ditadura militar, identidade e Copa de 70**. 2012. 15 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LEVINE, Robert. “**Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro**”. In: MEIHY, J. C. S. (org.). **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. HELAL, Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 77-100, 2001.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola: cinema e futebol no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REIS, Paloma Vieira. **A representação da mulher trabalhadora no a Voz da Serra (1974-1977)** Trabalho de conclusão de curso UFFS Camus Erechim, 2018.

SABADINI, Geanine. **Uma ilha na imprensa brasileira: o olhar do jornal Diário de Notícias (RS) sobre a revolução cubana**. 2014.

THIESSE, Anne-Marie. **La création des identités nationales**. Europe XVIIe – Xxe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

TRIZOTO, Henrique Antônio. **O Futebol Além das quatro linhas: impactos da globalização no futebol contemporâneo**. Trabalho de Conclusão de Curso, UFFS, Erechim, 2014.

XEXÉO, Artur. O Globo, 22, jun.02

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____ “**O Brasil tem algo importante a dizer**”, Jornal da Tarde, 27/05/95, p. 8.

ANEXO 1 MATÉRIA COMPLETA "BRASIL EXPLODIU COM O TRI"

BRASIL EXPLODIU COM O TRI

OS TRI-CAMPEÕES



BRASIL, TRI-Campeão invicto do México. O futebol mundial caiu frente a genialidade dos brasileiros. Foi a vingança e as vitórias foram para "lavar a alma".

Mo momento em que o Presidente do México, Dias Ordaz, entregou ao capitão do Seleccionado Nacional Carlos Alderete a Copa Jules Rimet, o Brasil explodiu em comemorações que já havia iniciado quando a bola ia pela quarta vez nas redes brasileiras.

A Copa Jules Rimet que vai deixar de ser disputada para ficar no Brasil era erigida no estádio Asteca por milões brasileiros, e o peso que daqui acompanhava o

feto do seleccionado saía as ruas para iniciar um verdadeiro carnaval.

O País vibrava com a conquista do tri-campeonato, numa disputa que levou quarenta anos.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

O Presidente da República, Gen. Emilio Garrastazu Médici, divulgou a seguinte mensagem:

"Na hora que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do

Mundo, após memorável campanha, na qual enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros." Como

homem comum como um brasileiro que acima de todas as coisas tem imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade do nosso povo no sentimento da mais pura exaltação patriótica.

Identifico na vitória conquistada na fraternal disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nos devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional.

Identifico no sucesso da nossa Seleção a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacidade técnica e da preparação física e da consistência moral.

Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ter uma valiosa equipe em campo, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.

Neste momento da vitória, trago ao povo a minha homenagem identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas para festejar, em nosa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro".

HOJE NA PATRIA

Hoje a delegação brasileira será recebida em Brasília pelo Presidente Emilio Garrastazu Médici oportunidade em que serão recebidos oficialmente.

CARNAVAL

O Brasil inteiro desde domingo está festejando a conquista do TRI-Campeonato com um verdadeiro carnaval. O povo saiu as ruas e maltecedo o feito da esquadra canarinha.

Em nossa cidade um verdadeiro carnaval de rua verificou-se que não teve empalado seu brilho nas chuvas

amanhecer de segunda-feira. Era a festa do TRI-Campeonato, a festa dos campeões.

Pela conquista do TRI-Campeonato pelo Brasil, que ficou de posse definitiva do trofeu Jules Rimet, baixou o chefe do executivo a Portaria 190 na qual decretou facultativo no dia de ontem, nas repartições municipais.

É NOSSA



COUPE JULES RIMET, tem dono: BRASIL. Vamos pra outra.

a voz da serra

BIBLIOTECA PÚBLICA DE PECHIM DO SU

ANEXO 2 MATERIA COMPLETA: 4x1 NA ITÁLIA E O CANECO VEIO

4 a 1 na Itália e o Caneco Veio

O Brasil ao abater na tar- de do domingo no México a equipe da Itália trouxe defi- nitivamente para nós a Copa Jules Rimet, que depois de 40 anos tem agora seu dono. Novamente o Brasil provou ao mundo que seu futebol é o melhor. A Itália perdeu pa- ra os campeões invictos por quatro a um marcador que poderia ser ainda dilatado. O Brasil chegou ao TRI com u- ma goleia, demonstrando extraordinária calma em to- das as partidas que atuou principalmente frente aos in- gleses e a "catimba" uru- guai.

Chegamos ao TRI graças a ordem e a disciplina que esteve em primeiro plano no Selecionado Nacional, não houve medalhões e sim uma equipe que trabalhava para o conjunto.

A Jules Rimet ficou defi- nitivamente com a melhor e- quipe deste Mundial. 70 Real mente a seleção do Brasil foi a única que venceu a todas as partidas que disputou ven- cendo aos seis encontros com marcadores a não deixar chi- vidos. Mandou 19 bolas pa- ra as redes adversárias e Fe- lix foi buscar sete vezes a bola no nosso arco.

A vitória do Brasil apesar daquele erro clamoroso de nossa defesa no teste da Itália, foi a mais merecida. A "azurra" fez 4 tudo pa- ra evitar a derrota, marcou homem a homem fazendo re- viver a velha "cearrasinha" deu "botinadas" e fez "catim- ba". Procurou por todas as maneiras parar o time brasi-

leiro. Na primeira etapa quando Rosato era varrapato grudado em Tostão, o capl- tão Facchetti não largava Jair e Domenghini queria en- trar dentro de Pelé a Itália conseguiu equilibrar as coi- sas.

Quando os italianos conse- guiram o empate aos 37 de- pois que o rei Pelé assinala- va o 100º gol da nossa Sele- ção, as coisas se complic- am, mas mesmo assim, ao final da etapa inicial quan- do faltavam 10 segundos o juiz da Alemanha Oriental "nos tirava" um gol legítimo de Pelé.

Mas no segundo tempo, a calma os brasileiros envol- veram completamente a "az- zurra" e partimos então pa- ra a goleada. E aos 21 Ger- son na intermediária italiana fazia o tento que a- bria o caminho para os qua- tro. Dal em diante, foi um pulo. Aos 25 Jairzinho assi- nalava o terceiro auxiliado por Gerson e Pelé. A canho tinha suspenso para dentro da área, Pelé com um leve toque colocou Jairzinho em condições de assinalar.

E o quarto tento era a- guardado e veio aos 43. Clo- doaldo a Pelé, que vislum- brou Carlos Alberto que vi- nha na corrida lá de trás. O toque na bola foi na medida e o chute do capitão partiu sem defesa para Albertossi. Era o fim da Copa Mundial e da Taça Jules Rimet.

O Estádio Asteca momen- tos após era invadido pelos brasileiros que comemora- vam a vitória, era a festa verde amarela.

A HISTORIA DOS 4 a 1

LOCAL
Estádio Asteca.

JUIZ
Rudi Georg Gloeckner, da Alemanha, auxiliado por Ru- dolf Schurrer, da Suíça, e Angel Coerezza da Argenti- na.

GOLS

Aos 18 minutos, Pelé — de cabeça — fez 1x0 para o Brasil; Boninsegna, aos 37 minutos para a Itália; Ger- son, aos 21 do segundo tem- po, fez 2x1 para o Brasil; Jair- zinho aos 26 do segundo tem- po, aumentou para 3x1; Car- los Alberto, aos 43 do segun- do tempo, estabeleceu o es- core definitivo: 4x1.

EQUIPES

BRASIL — Félix; Carlos Alberto, Brito, Plaza e Eyo- raldo; Clodoaldo, Gerson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.

ITALIA — Albertossi; Burg- nich, Facchetti, Cera e Ro- sato; Bertini (Juliano), Maz- zola e Sisti; Domenghini, Bo- ninsegna (Rivera) e Riva.



É o rei Pelé em seu característico gesto... e bola nas rês. Jair e Tostão, com o rei, formaram nosso ataque invicto.

Sindicato das Empresas de Transportes no Estado do Rio Grande do Sul

Os transportadores das localidades de: ERECHIM e GE- TULIO VARGAS, reuniram-se, determinaram e convenciona- ram que as empresas signatárias comprometem-se a pôr em vigor o que abaixo discrimina-se:

Todos os problemas que surgirem com o preço, na zo- na acima serão levados ao conhecimento da direção do Si- ndicato, para a resolução.

a voz da serra

ERECHIM, TERÇA FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1970 Nº 98

Acidente de Veículos

ANEXO 3 A COPA QUE É NOSSA PARTE 1

ERECHIM, DOMINGO, 5 DE JULHO DE 1978

A VOZ DA SERRA

A Copa Que é Nossa (1) A FIFA E A TAÇA

Juarez Miguel Illa Font

A VOZ DA SERRA

Órgão independente, fundado em 26 de outubro de 1929

PROPRIEDADE
EMPRESA GRAFICA CARBARO LTDA
Av. Maurício Cardoso, 220
Fone: 23.17 - C. Postal, 56

Registro DNI 14777
C.G.C.M.F. 89.421.655

FILIADOS A



Assinatura anual R\$ 30,00
Número avulso R\$ 0,20
Número atrasado R\$ 1,30

o o

Declarado órgão oficial dos seguintes Municípios:
JACUTINGA — Lei 40/68 de 18 de Março de 1963
FURAL GRANDE — Lei 151 de 15 de Abril de 1968
SEVERIANO DE ALMEIDA — Lei 02/68 de 24 de Abril de 1968
VIAVIDOS — Lei 212 de 22 de Maio de 1969

o o

Representação a cargo da PROPAL — Propaganda Representações Ltda. nas seguintes praças:
PORTO ALEGRE — Rua Cel. Viçente, 456 2º andar. Fone 24.14.16
SAO PAULO — Rua Cons. Crispiniano, 404 - 2º andar. Sala 216. Fone 24.87.77
RIO DE JANEIRO — 7 de setembro, 132 5º andar. Conj. 503. Fone 243.5745

CORRESPONDENTES
ARATIBA: Armando Grand
JACUTINGA: Nilvo José Tortelli
IRAI: Efrém Cordeiro Pereira
Aldo Michelin — Cape Ere

A Direção de A VOZ DA SERRA não se responsabiliza, nem endossa os conceitos emitidos nas publicações assinadas. Originais, mesmo não sendo publicados, não serão devolvidos.

Robert Guérin, secretário-geral da União das Sociedades Francôesas de Desportos Atlético (mais tarde convertida na Federação Francôesa de Futebol), Hirschmann, secretário-geral da Federação Holandêsa, entusiastas do futebol, fundaram a 21 de maio de 1904 a Federação Internacional de Futebol Associação.

Guérin foi o primeiro presidente e Hirschmann provavelmente o secretário-geral.

Desde logo a FIFA proibiu-se a única entidade esportiva a organizar um campeonato internacional de futebol, decidindo realizá-lo já no ano seguinte, para o que elaborou o respectivo regulamento.

O projeto porém não pode ser realizado, sem embargo da filiação de várias federações nacionais.

Sómente no primeiro Congresso de Berna, em 1915, a ideia do Campeonato Mundial de Futebol foi apresentada. Ficou o assunto todavia relegado para outra oportunidade.

Enquanto isso o futebol fora incluído nas competições atléticas dos Torneios Olímpicos a título facultativo.

No Congresso de 1920 o assunto em que Mr. Jules Rimet foi levado à presidência da FIFA, ventillou-se novamente a ideia, em disputa de um troféu que se denominaria Taça do Mundo, à exemplo da Taça da Inglaterra, então em grande voga.

Tudo ficou resolvido em princípio, mas problemas de ordem financeira obstaculizaram a concretização dos planos ideados.

Quatro anos depois, face ao grande êxito das Olimpíadas de Paris, os dirigentes da FIFA começaram a trazer nas possibilidades do sucesso financeiro para o Campeonato Mundial, pois a partida final entre o Uruguai e a Suíça reunira no Estádio de Colombes o número recorde de 51 mil espectadores, cujo entusiasmo e vibração indescrivíveis provaram que o êxito desportivo e financeiro de uma competição nos moldes da ideia estava assegurado.

Em 1926 o presidente Jules Rimet sugeriu a criação de uma comissão encarregada de estudar o regulamento completo da competição. Contudo a ideia foi se desenvolvendo lentamente até que no Congresso de Barcelona, em 1929, tudo ficou definitivamente assentado.

Foi o Torneio Olímpico de Amsterdam, em 1928, que precipitou os acontecimentos. O seu grande êxito como competição desportiva estava porém incompleto, pois dela ficaram excluídas as equipes profissionais, já que estas Olimpíadas sómente podiam participar atletas e equipes não profissionais, daí resultando o afastamento de várias seleções da Europa Central, da Inglaterra e da Espanha, que haviam adotado o profissionalismo.

Essas foram sem dúvida as razões principais que levaram os organizadores do Campeonato Mundial de Futebol a aprovarem a proposta para a admissão no estatuto de quaisquer representações, amadores ou profissionais.

No Congresso de Amsterdam, ainda no mês de junho de 1928, resolveu já a FIFA instituir a Taça do Mundo.

No ano seguinte, no Congresso de Barcelona, foi feita a regulamentação do certame e marcado para 1930, devendo realizar-se daí por diante de quatro em quatro anos, tal como os Jogos Olímpicos.

O Uruguai viu confirmada a sua pretensão de organizar o I Campeonato Mundial de Futebol.

Desde logo após o Torneio Olímpico de 1924 os dirigentes da Associação Uruguaiana começaram a empenhar-se nesse sentido.

O próprio ministro em Paris, Enrique Daguera, pusera ao presidente Rimet a sugestão de encerramento em Montevideo, assegurando à FIFA o pagamento das despesas de hospedagem das equipes que inscrevessem.

Além do mais, com títulos conquistados nas Olimpíadas de 1924 e 1928, estava a construir-se um estádio e ainda naquele (1930) era o Centenário da sua independência, o Uruguai estava se efetivamente empreendendo planejamento assim tentaram empolgantes competições assinalaram a primeira vitória pela Taça do Mundo.

Instruções Para o Pleito de 15 de Novembro

Pelas instruções baixadas pelo Tribunal Superior Eleitoral regulamentando as eleições de 15 de novembro próximo, destacam-se as seguintes inovações.

A apuração dentro do novo processo eleitoral será pelas mesas receptoras, diante da Junta Apuradora, no dia seguinte à eleição em local amplo e adequado.

Nos termos do art. 65 da Resolução 8737, sómente poderá haver sublegendas, no pleito do dia 15 de novembro nas eleições para prefeito. Instituídas as sublegendas, os candidatos a vereador concorrerão pela legenda do partido mesmo que indicados por grupos instituídos da sublegenda.

Os candidatos a senador, deputado federal e estadual serão escolhidos pelas convenções, amadores ou profissionais.

Os candidatos a deputado federal ou estadual que disputarem a reeleição, receberão, salvo opção pelo sorteio o mesmo número com que concorreram ao pleito de 1966, pela ARENA ou pelo MDB.

Os nomes dos candidatos a senador devem figurar na cédula oficial e na ordem de terminação por sorteio.

A Comissão Executiva Regional tem cinco dias para indicar substituto de candidato a senador ou suplente cujo registro for negado ou no caso de morte ou impedimento insuperável.

As convenções municipais que escolherem os candidatos a prefeito, deverão ter o prazo para requerimento de registro de candidato às Casas Legislativas.

Os candidatos a deputado federal ou estadual que disputarem a reeleição, receberão, salvo opção pelo sorteio o mesmo número com que concorreram ao pleito de 1966, pela ARENA ou pelo MDB.

Os nomes dos candidatos a senador devem figurar na cédula oficial e na ordem de terminação por sorteio.

A Comissão Executiva Regional tem cinco dias para indicar substituto de candidato a senador ou suplente cujo registro for negado ou no caso de morte ou impedimento insuperável.

As convenções municipais que escolherem os candidatos a prefeito, deverão ter o prazo para requerimento de registro de candidato às Casas Legislativas.

Sómente poderão ser escolhidos candidatos ao partido até 15 de novembro de 1970.

**MELHOR ALIMENTAÇÃO
PARA MELHOR SAÚDE**

D. MARIA SILVEIRA
DIRETORA DA COZINHA ROYAL



CHARUTINHO ESPECIAL



ANEXO 4 A COPA QUE É NOSSA PARTE 2

ERECHIM, DOMINGO, 12 DE JULHO DE 1970

2ª PÁGINA

A Copa Que é Nossa (2) LA COUPE DU MONDE

Juarez Miguel III Font

Segundo a versão que parece mais lógica a primeira taça, para ser disputada em torneio de futebol, no Brasil foi instituída pela "Paulista Football League", fundada à 19 de dezembro de 1901, e por iniciativa de Casemiro Costa, capitão do S. C. Internacional, de São Paulo.

Isso ocorreu em princípios de 1902, às vésperas de se iniciar o Campeonato Paulista, também o primeiro que a História do futebol nacional registra.

Ao que parece o troféu foi adquirido na Europa, recebendo o nome do pioneiro Casemiro Costa, como quem uns. Outros dizem ter-se intitulado "Taça Paulista". Foi esse portanto o marco inicial de milhares de taças que já se disputaram, e ainda se disputa, nos gramados brasileiros, tendo sido ganho pelo São Paulo Atlético Clube, fundado por um grupo de ingleses no ano de 1896, vencedor do Campeonato Bandeirante em 1902, 1903 e 1904, que assim se tornou o primeiro clube campeão no Brasil tal fora o primeiro a ser fun-

dado em São Paulo, inegavelmente o berço do futebol nacional.

A Confederação Brasileira de Futebol foi criada à 8 de junho de 1914 e a primeira apresentação da Seleção Canarinho em jogo internacional deu-se na cidade de Buenos Aires, naquele ano, pela "Taça Roca" precursora de outros troféus, tais como as Taças "Argentina-Brasil", "Rodrigues Alves" e "Rio Branco", disputadas amistosamente com as seleções da Argentina, Paraguai e Uruguai, respectivamente.

Em 1890 a Seleção Nacional do Brasil entrou a participar das disputas pela "Taça do Mundo", tendo sido até agora a única que esteve presente a todas as fases finais dos nove Campeonatos Mundiais de Futebol promovidos pela FIFA, sagrando-se tricampeã e detentora em definitivo do troféu que há quarenta anos é o símbolo máximo da supremacia no mundo do futebol.

O precioso troféu esportivo foi criado à 8 de setembro de 1928, no Congresso de Zu-

rich, denominando-se simplesmente "Taça do Mundo".

Depois da II Guerra Mundial passou a chamar-se "Taça Jules Rimet", designação esta aprovada no Congresso de Luxemburgo, em 1948, por proposta do belga Seldrayers vice-presidente da FIFA, que em sua moção ressaltou os serviços que o grande presidente havia prestado ao organismo máximo do futebol e sobretudo pelos esforços que tinha desenvolvido para garantir à FIFA o seu prestígio durante as tormentas.

Com efeito, Jules Rimet, grande incentivador do futebol em todos os recantos do mundo, batalhara ao lado de Henry Dalaunay para a realização de certame mundial.

A "Taça Jules Rimet", já então a mais famosa jóia do mundo, é uma estatueta de ouro maciço, pesando quatro quilos, com trinta centímetros de altura. Valiosa obra de arte, esculpada de brilhantes, sua execução gastou 1.800 gramas de ouro puro. Seu criador, o escultor francês Abel Lefleur, representou a "Vitória Alada", de pé sobre um pedestal octogonal e trazendo nos ombros uma pipa, também octogonal, cercada de louros. Em sua base estão inscritos os nomes dos países campeões mundiais de futebol: Uruguai, Itália, Alemanha, Brasil e Inglaterra.

A rica Taça custou em 1929 a importância de 59 mil francos franceses antigos. Sua última avaliação foi de três mil libras esterlinas, tendo estado guardada em trinta mil. Mas hoje não há dinheiro que a compre.

A partir de 1974, quando se realizará o X Campeonato Mundial de Futebol na Alemanha, estará em disputa um novo troféu. A FIFA vai contratar desenhistas e escul-

tores para a sua confecção.

Quando em 1962 o Brasil emparelhou-se ao Uruguai e à Itália, surgindo então três seleções bicampeãs mundiais à um passo da conquista definitiva da cobiçada "Jules Rimet", foi sugerido o nome do grande estadista inglês Sir Winston Churchill para o troféu que iria substituí-la.

Desde 1936 a CBD tinha de liberado que se o Brasil ganhasse a "Jules Rimet" daria o novo troféu.

Em princípios deste ano chegou-se mesmo a alvitrar o nome de Sir Stanli e Rous para a denominação da nova

Taça, mas a FIFA agradeceu ao Brasil resolvendo ela mesma confeccioná-la.

Segundo pretendia a entidade de internacional a Taça do Mundo terá uma réplica com o nome de uma destacada figura esportiva do país ganhador da "Jules Rimet", sendo possível que a sua conquista definitiva venha a ser atribuída de três títulos consecutivos ou cinco alternados. Nesse caso a nova Taça poderá ir até 1982 ou 1990, ou então mais além, denominando-se, por enquanto, pura e simplesmente, "Taça Mundial de Futebol".

MELHOR ALIMENTAÇÃO PARA MELHOR SAÚDE
D. MARIA SILVEIRA
DIRETORA DA COZINHA ROYAL



CREME BAVARO DE MORANGOS



1 pacote de Gelatina Royal, sabor Morango
3/4 xíc. de água fervente
3/4 xíc. de água fria
1 xíc. de morangos esmagados
1/2 litro de creme de leite batido

Prepare a gelatina com água fervente, mexendo até que se dissolva. Mergulhe os morangos na água fria, misture a gelatina e deixe esfriar. Coloque no congelador até que a mistura fique levemente espessa. Junte o creme levemente, sem mexer. Derrame em uma forma e deixe voltar à temperatura normal por várias horas, até tomar a forma do recipiente. Desenforme sobre um prato. Dê pontas às porções.

EDITAL DE PRAÇA E LEILÃO

O Exmo. Sr. Dr. Dédalo de Bem Osório, Juiz de Direito da 1ª Vara da Comarca de Erechim, Estado do RGSul FAZ SABER que no dia 28 de julho, às 10 horas, se realizará no Fórum local a arrematação, e, se não houver licitantes no dia 17 de agosto, às 10 horas, o leilão do seguinte bem penhorado na ação do Executivo Fiscal que a FAZENDA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL move contra JOÃO ALFREDO OLTRAMARI, a saber: Chácara, situada no perímetro suburbano da cidade de São Valentim, neste Estado, com área de 16.600 m², Avaliada em Cr\$... 3.500,00.

A arrematação se fará mediante dinheiro à vista ou caução idônea.
Fórum de Erechim, aos 2 dias de julho de 1970.
Eu, Walter Schenato, Escrivão do Cível e Comércio o datilografei e subscrevo

Dr. Dédalo de Bem Osório — J. D. da 1ª. Vara

- * RENOVE SUA PROPRIEDADE
- * AMPLIE — MODERNIZE
- * PINTURAS DE PRÉDIOS
- * INDÚSTRIAS
- * RESIDÊNCIAS
- * BANCOS
- * CONSTRUÇÕES
- * DECORAÇÕES
- * PROJETOS
- * REFORMAS
- * IMPERMEABILIZAÇÕES

AOS NOSSOS ASSINANTES

Qualquer irregularidade na entrega de A VOZ DA SERRA aos assinantes deverá ser comunicada imediatamente a nossa redação

Junho
220
58
20,00
0,20
0,30
oficial
cipios
40/68
1968
Luz
de 1968
ALMEI
e 24 de
212 de
argo da
pagaria
da nas
Rua
andar
ua Cons.
2º andar
8771
O — 7 de
5º andar
e 243 5745
MENTES
ndo Gran-
lvo José
elli
ordiro Pe-
Capo Ere
A VOZ DA
responsa-
mdossa. Os
idos nas pu-
adadas. Ori-
não sendo
o serão de.

DO ALTO
AI ESTÁ
QUINDO A
EDRAL

ANEXO 5 A COPA QUE É NOSSA PARTE 3

A Copa Que é Nossa (3) O GRANDE PRESIDENTE

Juarez Miguel Illa Font

Considerado o "Pai da FIFA" Monsieur Jules Rimet nasceu, viveu e morreu por ela. Filho do ideal, viveu e morreu por ele. Sua vida inteira foi dedicada ao Futebol Associação. Nasceu na cidade de Theuley, no Alto Sena no dia 24 de outubro de 1871.

Foi um dos fundadores do Clube Red Star, em Paris em 1897. Durante trinta anos dirigiu a Federação Francesa de Futebol, que ele próprio criou. Sua vitória maior porém, foi a FIFA, que considerava sua filha diletta.

Jules Rimet sempre sonhava em reunir o maior número de representantes de entidades de todo o mundo numa só organização internacional. De 1920 a 1954 foi presidente da FIFA para, depois, em sua velhice, ser substituído, permanecendo porém como seu presidente de honra.

Deixando a entidade máxima isolou-se em seu pequeno paraíso onde, à 16 de outubro, faleceu aos 83 anos

de idade, depois de delicada intervenção cirúrgica. Foi sepultado na Igreja de Santo Agostinho, em Paris.

Mr. Rimet visitou o Brasil em três ocasiões sendo que, na penúltima vez, em 1949, recebeu do nosso Governo a condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul, entregue pelo então presidente do Conselho Nacional de Desportos ministro João Lyra Filho. A última vez que veio ao nosso país foi para assistir, em 1950, aos prêmios finais da Copa do Mundo, que ficou imortalizada com seu nome.

Mr. Jules Rimet foi substituído no Congresso de Berna, em 1954, pelo advogado Seeldrayers. Seu falecimento pouco depois, ecoou pesadamente em todos os círculos esportivos do mundo.

Falando naquele Congresso o representante brasileiro Rivadávia Correia Meyer, à certa altura da sua oração, disse:

"Para o novo presidente da FIFA, ilustre advogado Seel-

drayers, e seus colegas, a CBD formula seus votos de um trabalho digno, eficiente e justo.

Entretanto, não podemos, brasileiros que somos, possuindo na gratidão a nossa melhor virtude, deixar de agradecer, ainda uma vez, a obra extraordinária, criada em favor do esporte, pelo sr Jules Rimet.

Na realidade, o presidente Rimet, que exerceu o seu mandato por trinta e cinco anos, com extraordinária clareza, não é somente um grande e inteligente francês, mas um digno e ilustre esportista do mundo.

O Brasil deseja, ainda uma vez, apresentar ao grande presidente a gratidão que lhe devemos, com toda a nossa afeição, amizade e admiração pelos seus méritos".

Na verdade, Mr. Jules Rimet foi um grande amigo do Brasil esportivo, que jamais lhe recusara cooperação, e foi suma pena que em 1958 já não vivesse para assistir

ao formidável triunfo do futebol brasileiro, de quem era fervoroso e interessado admirador.

Numa época em que, na Europa, ninguém acreditava nas possibilidades do nosso "soccer", mercê das fracas atuações da Seleção Canarino nos dois primeiros campeonatos mundiais, o presidente da FIFA declarava aos jornais europeus que o Brasil era a quarta força do associativo mundial.

No Campeonato de 1950 após a malfadada tarde de 16 de julho, em que nos derradeiros onze minutos do prélio final se nos escapou o título máximo do certame Mr. Rimet, que chegara ao Brasil no dia 1º de junho e assistira ao desenrolar de todo o torneio, no salão principal do Hotel Londres declarava à reportagem:

— "Foi pena o Brasil perder. Assisti a outro dia negro para o futebol brasileiro. Antes, em 1938, vi aquela partida de tão trágica memória

para os meus velhos amigos e, ontem, voltei a assistir a mais um espetáculo típico de tristeza e desolação. Senti imensamente, por que os brasileiros bem que mereciam ser campeões do mundo.

Em 1958, o Brasil foi campeão do mundo. Mr. Jules Rimet não estava em Estocolmo para saudá-lo. Mas os nossos bravos rapazes trouxeram a Taça que leva o seu nome saudoso de esportista ímpar, amigo e concidência do esporte brasileiro.

Com a estupenda façanha do bicampeonato, em 1962, galharda e espetacularmente realizada nos gramados chilenos pela nossa Seleção de Ouro, dois terços da longa e árdua caminhada, rumo à conquista da sua posse definitiva, estavam percorridos.

Em 1966, houve de ser entregue à Inglaterra. Mas, agora, o famoso laurel veio definitivamente. Depois de quarenta anos é hoje, simplesmente, a copa que é nossa.

ANEXO 6 BRASIL TRI CAMPEÃO MUNDIAL

VOZ DA SERRA

ERECHIM, QUINTA FEIRA, 9 DE JULHO DE 1970

Brasil Tri Campeão Mundial

TSE Regulou a Ajuda de

I

Alô povo brasileiro
Vou fazer uns versos legal
A todos peço desculpa
Se algum deles sair mal
Mas vou falar um pouquinho
Da Seleção Nacional
Que conquistou invicto
O TRI Campeão Mundial.

VI

Jogamos com os Uruguaios
Os nossos grandes rivais
O juiz estava roubando
Nem falta marcava mais
Mesmo assim foi 3 a 1
Mostramos como se faz
Vingamos aquele jogo
De vinte anos atrás.

II

Brasil e Tchecoslováquia
Foi a primeira partida
O Brasil saiu perdendo
Preocupando a torcida
Mas Rivelino empatou
Cobrando falta cometida
Terminando 4 a 1
Em uma festa colorida.

VII

A final foi com a Itália
Que o Brasil saiu jogando
Nosso craque Rei Pelé
Entrou logo e foi marcando
Quatro a um mais um olé
O jogo foi terminando
Saiu muita gente rindo
E muita gente chorando.

III

Depois veio a Inglaterra
Campeã da sessenta e seis
Que lutavam para levar
A taça mais uma vez
Mas logo o Jairzinho
Estufou a rede dos Ingês
Terminando um a zero
E podia ser dois ou três

VIII

Viva Pelé e Everaldo
Viva Gerson e Tostão
E também o Rivelino
O nosso grande canhão
Jairzinho o goleador
Na copa foi um leão
E viva todos os craques
Da nossa Seleção.

IV

A Romênia foi a última
Das citavas de final
Brasil ganhou três a dois
Sempre jogando legal
Quando terminou o jogo
Começou o carnaval
Brasil já classificado
Para às quartas de final.

IX

A Seleção Canarinha
Brilhou lá no Estrangeiro
Deram o maior presente
Para todos os Brasileiros
Conquistaram o Tri Campeão
Nem um jogo eles perderam
Para a terra que nasceram.

V

O jogo com o Peru
4 a 2 foi a jornada
A Seleção do Didi
Saiu logo derrotada
Esta equipe é mesmo fraca
E para nós não é de nada
Pois perdeu por três a zero
Para a equipe Colorada.

X

Ao terminar esses versos
Deixo a minha saudação
A todos aqueles que ler
A minha composição
E equi vou dizendo adeus
Cheio de satisfação
Pela conquista Mundial
Hoje somos TRI CAMPEAO.

ODIL DUARTE

BRASILIA — Ao contrário do que tem sido noticiado, o Tribunal Superior Eleitoral não proibiu completamente o transporte e o fornecimento de alimentação a eleitores, no dia 15 de novembro, mas disciplinou o assunto, estabelecendo ainda pena de reclusão de quatro a seis anos aos infratores.

Estabelecem as instruções do TSE que o partido que resolver fazer o transporte de eleitores deverá comunicar ao juiz da zona eleitoral, pelo menos até três dias antes da eleição, quais os veículos — de qualquer natureza — que utilizará para esse fim, indicando o número da licença e o nome do condutor.

LIMITE

Somente será admitido o transporte de eleitores das zonas rurais para as sedes das cidades, vilas ou povoados, "não sendo permitido o transporte dentro das zonas urbanas ou suburbanas, salvo em relação a estas, se houver absoluta impossibilidade de localização de mesa receptora na sua área".

O juiz eleitoral indicará, em cada cidade, vila ou povoado, qual o local ou locais em que os eleitores que utilizarem transporte pelas organizações partidárias deverão ser desembarcados. Os veículos utilizados no transporte de eleitores não poderão recusar condução a qualquer eleitor que dela necessite.

Ao desembarcar, o eleitor não poderá ser acompanhado até o local da votação por

pessoa designada pelos partidos, ou candidatos, nem levado para locais em que estiverem sendo concentrados eleitores para o fornecimento gratuito de alimentação.

Nos locais em que os partidos fornecerem alimentação somente poderão ter acesso eleitores que já tenham votado.

O TSE acatou sugestão do líder do governo no Senado,

Co



Few people are those that, after the work routine, in their moments of rest, deliver themselves entirely to idleness, as "dolce far niente", as the Italians say. Notwithstanding having someone to search in their excursions, to solve problems as merely hypothetical, living in a state of apathy, the majority seeks, for their moments of leisure, other activities, different from that which they entrust to their daily labor: a "hobby

Ampliação de

Silo no Sul

ANEXO 7 SELO DE TRI CAMPEÕES

Sêlo de Tri Campeões

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, do Ministério das Comunicações, lançou dia 4 uma série de três selos comemorativos a conquista do tri-campeonato mundial de futebol e da posse definitiva da taça Jules Rimet pelo Brasil.

O lançamento foi feito pelo presidente da ECT, Engenheiro Haroldo Corrêa de Mattos, em cerimônia em seu gabinete, e que teve a presença de jogadores tri-campeões, dirigentes da CBD e dos representantes de clubes e associações filatélicas do País.

OS SELOS

O primeiro sêlo, desenhado por Waldir Granado, mostra sob um fundo feito com a bandeira da Suécia, o jogador Belini erguendo a Taça Jules Rimet, em 1958; o segundo mostra, em um desenho de Waldemiro Puntar, o jogador Garrincha, sob um fundo feito com a bandeira do Chile, driblando um adversário de tal modo que ele caiu ao chão, em uma de

suas jogadas típicas; e o terceiro sêlo, desenhado por Waldir Granado, tendo ao fundo a bandeira do México mostra os jogadores Pelé, Tostão e Jairzinho, comemorando a conquista de um gol.

Os três selos foram impressos pela Casa da Moeda do Brasil, em policromia, tem formato retangular horizontal, desenhado em meio tom e traço, impressão em

off-set com papel couchê. Cada fôlra tem 25 selos, pincotagem de 38x57 mm e dimensões de cada sêlo de 32x51 mm.

O primeiro sêlo tem tiragem de 1.500.000 exemplares e valor de Cr\$ 1,00; o segundo, 1.500.000 exemplares e valor de Cr\$ 2,00 e o terceiro tiragem de 2.000.000 exemplares e valor de Cr\$ 3,00.

CONSULTÓRIO DE PSICOLOGIA APLICADA

Av. Amintas Maciel, 125

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL e SELEÇÃO PROFISSIONAL — PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES e ADULTOS

DRA. EVA JORGE DA SILVA
PSICÓLOGA CLÍNICA, Reg. 1.173

Credenciada pela DETRAN para exames Psicotécnicos à obtenção de Carteira Nacional de Habilitação

HORÁRIOS

MANHA

Seg., Ter. e Quarta-Feira
Das 8,30 às 12,00 horas

TARDE

De Segunda a Sexta-Feira
Das 13,30 às 18,00 horas

**TODOS UNIDOS
CONSTRUIREMOS A
NOSSA CATEDRAL**

Sêlo de Tri Campeões

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, do Ministério das Comunicações, lançou dia 4 uma série de três selos comemorativos a conquista do tri-campeonato mundial de futebol e da posse definitiva da taça Jules Rimet pelo Brasil.

O lançamento foi feito pelo presidente da ECT, Engenheiro Haroldo Corrêa de Mattos, em cerimônia em seu gabinete, e que teve a presença de jogadores tri-campeões, dirigentes da CBD e dos representantes de clubes e associações filatélicas do País.

OS SELOS

O primeiro sêlo, desenhado por Waldir Granado, mostra sob um fundo feito com a bandeira da Suécia, o jogador Belini erguendo a Taça Jules Rimet, em 1958; o segundo mostra, em um desenho de Waldemiro Puntar, o jogador Garrincha, sob um fundo feito com a bandeira do Chile, driblando um adversário de tal modo que ele caiu ao chão, em uma de

suas jogadas típicas; e o terceiro sêlo, desenhado por Waldir Granado, tendo ao fundo a bandeira do México mostra os jogadores Pelé, Tostão e Jairzinho, comemorando a conquista de um gol. Os três selos foram impressos pela Casa da Moeda do Brasil, em policromia, tem formato retangular horizontal, desenhado em meio tom e traço, impressão em

off-set com papel couchê. Cada fôlra tem 25 selos, pincotagem de 38x57 mm e dimensões de cada sêlo de 32x51 mm.

O primeiro sêlo tem tiragem de 1.500.000 exemplares e valor de Cr\$ 1,00; o segundo, 1.500.000 exemplares e valor de Cr\$ 2,00 e o terceiro tiragem de 2.000.000 exemplares e valor de Cr\$ 3,00.

CONSULTÓRIO DE PSICOLOGIA APLICADA

Av. Amintas Maciel, 125

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL e SELEÇÃO PROFISSIONAL — PSICOTERAPIA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES e ADULTOS

DRA. EVA JORGE DA SILVA
PSICÓLOGA CLÍNICA, Reg. 1.173

Credenciada pela DETRAN para exames Psicotécnicos à obtenção de Carteira Nacional de Habilitação

HORARIOS

MANHA

Seg., Ter. e Quarta-Feira
Das 8,30 às 12,00 horas

TARDE

De Segunda a Sexta-Feira
Das 13,30 às 18,00 horas

**TODOS UNIDOS
CONSTRUIREMOS A
NOSSA CATEDRAL**